



# **ACADEMIA MILITAR**

## **TERRORISMO: UMA ABORDAGEM CONCEPTUAL**

**Autor: Aspirante a Oficial Aluno Miguel Lopes da Cruz de Barros  
Sobrinho**

**Orientador: Coronel de Artilharia Carlos Manuel Mendes Dias**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada  
Lisboa, julho de 2014**



# **ACADEMIA MILITAR**

## **TERRORISMO: UMA ABORDAGEM CONCEPTUAL**

**Autor: Aspirante a Oficial Aluno Miguel Lopes da Cruz de Barros  
Sobrinho**

**Orientador: Coronel de Artilharia Carlos Manuel Mendes Dias**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada  
Lisboa, julho de 2014**

## **Dedicatória**

À minha família, por todo o  
apoio, esforço e dedicação  
ao longo destes 5 anos.  
À Inês, por tudo isto e mais

## Agradecimentos

Materializando o presente Trabalho de Investigação Aplicada, o culminar dos cinco anos de formação na nobre instituição que é a Academia Militar, requer da minha parte agradecer a todos aqueles que estiveram envolvidos ao longo de todas as suas fases, especialmente nesta.

Por isto, agradeço ao meu Orientador, por toda a disponibilidade, empenho, e postura crítica que forneceu para a realização deste trabalho, mesmo quando outras funções de índole profissional lhe exigiam grande atenção. Por sua vez, sem os seus conhecimentos científicos, domínio dos conceitos aqui apresentados e visão do Sistema Internacional, esta investigação não teria sido levada a bom porto.

Seguidamente, agradeço a todos os Oficiais da Academia Militar, cuja formação ao nível das Relações Internacionais e Estratégia fomentou o meu interesse em abordar esta temática, tão falada, mas tão pouco entendida por nós alunos.

Ainda dentro da Instituição, uma palavra de apreço a todos os camaradas do curso TGen António da Costa e Silva, no qual se inclui o César Pestana, pelo pouco, mas precioso tempo que me ajudou. Um carinho especial, claro, para os meus camaradas “Infantes”.

Referindo-me agora à minha família, agradeço à minha mãe Teresa, por todo o seu apoio nas correções finais e todo o seu conhecimento linguístico, que permitiu finalizar este trabalho. Ao meu pai Luís, sempre com mais conhecimento para me transmitir, e pelo seu esforço na Argélia nos últimos 8 anos. Ao meu irmão João, por toda a sua ajuda na fase final do trabalho. A todos, incluindo a minha irmã Leonor, cuja ajuda se concretizou, não neste trabalho, mas ao longo deste último ano do Tirocínio, o meu Obrigado.

E claro, à Inês, pela sua disponibilidade, apoio, dedicação, esforço e carinho ao longo destes anos. A sua companhia em todos os momentos deste último ano mostrou-me que mesmo nas dificuldades se conseguem atingir os “nossos” sonhos.

Sem esquecer todas as outras pessoas e entidades que de alguma forma estiveram envolvidas neste estudo, deixo um agradecimento final à Celeste, Rui, Pedro, Raquel, Marta, e a todos os meus grandes amigos de infância.

A todos os mencionados,  
Obrigado!

## Epígrafe

*“Fighting terrorism is like being a goalkeeper.  
You can make a hundred brilliant saves but the  
only shot that people remember is the one that  
gets past you.”*

Paul Wilkinson (1992)

## Resumo

O Terrorismo representa uma técnica, que dentro das formas de expressões violentas, tem como finalidade a alteração das políticas, sejam elas nacionais ou internacionais. Os meios utilizados e os efeitos que visa provocar alteraram-se ao longo do percurso histórico da humanidade, evoluindo de uma forma constante e seguindo doutrinas ou ideologias de diversos tipos. Por sua vez, a finalidade, sempre política, altera-se de acordo com os mesmos fatores, provocando uma abrangência de quadros conceptuais, cuja aceitação pela sociedade internacional é crucial para um consenso comum.

O presente Trabalho de Investigação Aplicada procura, neste contexto, verificar a importância que a finalidade representa no entendimento de terrorismo, enquanto técnica utilizada na região do Magrebe, desde 1979.

Numa primeira fase procede-se essencialmente à descrição da metodologia e procedimentos utilizados.

Seguidamente, na segunda fase, apresenta-se um enquadramento conceptual da temática em estudo, realizado de forma evolutiva.

Na terceira fase, é abordado o tema do fundamentalismo islâmico, onde se verifica as suas origens e a sua precedência para o islamismo radical.

Numa quarta fase apresenta-se a dinâmica das relações comerciais entre o Magrebe e a Europa. Esta visa o início do estudo que verifica a relação entre o terrorismo enquanto técnica utilizada na região, e a presença estrangeira no mesmo, desde 1979.

Finalmente, numa última fase, são retiradas conclusões de todas as fases desta investigação, descortinando a importância dos elementos que causaram um ressurgir do fundamentalismo islâmico, cujas consequências no terrorismo enquanto técnica utilizada na região do Magrebe, desde 1979, importa compreender em prol de um correto entendimento deste, na região.

Posto isto, conclui-se que a revolução iraniana de 1979, aliada à guerra no Afeganistão contra a invasão soviética (1979 – 1989), espoletou na região do Magrebe, e desde essas datas, um aumento do radicalismo islâmico, com consequentes ataques direccionados contra estrangeiros, estes considerados fundamentais para a noção da importância da finalidade, no entendimento de terrorismo enquanto técnica utilizada na região.

**Palavras-chave:** Terrorismo; Islamismo Radical; Fundamentalismo Islâmico; Relações Comerciais Europa-Magrece.

## **Abstract**

As one of the forms of violent expressions, terrorism is a technique designed to change both national and international politics. The means used and the effects it aims to provoke have changed over the course of the history of mankind, steadily developing and following various types of doctrines or ideologies. In turn, its purpose, which is always political, has changed according to such factors, covering a broad range of conceptual frameworks, the acceptance of which by the international community is crucial to reach a consensus. The aim of this Applied Research Project, in this context, is to assess to what extent its purpose impacts on the understanding of terrorism, as a technique used in the Maghreb region since 1979.

The first phase entails primarily a description of the methodology and procedures used, followed by a second phase, where we provide a conceptual framework of the topic under study, in an evolutionary manner.

In a third phase, we will address the issue of Islamic fundamentalism, its origins and how it has led to radical Islamism.

The fourth phase lays down the dynamics of trade relations between the Maghreb and Europe. The intention of this phase is to undertake a study on the relation between terrorism as a technique used in the region and the foreign presence therein since 1979.

Finally, in the last phase we will draw conclusions from the findings from all the research phases, unveiling the relevance of all elements that have caused the outbreak of Islamic fundamentalism, whose consequences in terrorism as a technique used in the Maghreb region, since 1979, we need to grasp to properly understand it within this region.

That said, we have concluded that the Iranian revolution in 1979, combined with the war in Afghanistan against the Soviet invasion (1979 – 1989), triggered since then an increase in Islamic fundamentalism in the Maghreb region, with ensuing target attacks against foreigners, the latter being considered as key to appreciating just how important the purpose is when seeking to understand terrorism as a technique used in the region.

**Keywords:** Terrorism. Radical Islamism; Islamic Fundamentalism; Trade Relations Europe-Maghreb.



## Índice Geral

Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Epígrafe .....	iv
Resumo .....	v
Abstract.....	vii
Índice Geral .....	viii
Índice de figuras .....	xi
Índice de Tabelas .....	xii
Lista de Apêndices.....	xiii
Lista de Anexos .....	xiv
Lista de Abreviaturas, Acrónimos e Siglas .....	xv
<b>Capítulo 1 - Introdução.....</b>	<b>1</b>
1.1 Generalidades .....	1
1.2 Enquadramento da Investigação.....	1
1.3 Justificação da Escolha.....	2
1.4 Objetivo Geral e Objetivos Específicos.....	3
1.5 Questão Central e Questões Derivadas.....	3
1.6 Hipóteses .....	4
1.7 Metodologia.....	5
1.8 Estrutura do Trabalho e Sínteses dos Capítulos .....	5
<b>Capítulo 2 – Metodologia e Procedimentos .....</b>	<b>7</b>
2.1 Generalidades .....	7
2.2 Método de Abordagem ao Problema e Justificação .....	8
2.3 Técnicas, Procedimentos e Meios Utilizados.....	8
2.4 Local e Data da Pesquisa e da Recolha de Dados .....	9

2.5 Descrição dos Materiais e Instrumentos Utilizados .....	9
<b>Capítulo 3 – Terrorismo: Origens e Evolução .....</b>	<b>10</b>
3.1 Prolegómenos .....	10
3.2 As Raízes .....	10
3.3 A evolução do fenómeno.....	11
3.4 Um conceito desprovido de objetividade – A evolução do conceito de Terrorismo.	17
3.5 Síntese Conclusiva.....	28
<b>Capítulo 4 – O Islamismo Radical e a sua presença no Magrebe desde 1979.....</b>	<b>30</b>
4.1 Prolegómenos .....	30
4.2 Introduzindo o Magrebe Islâmico.....	30
4.3 As origens do fundamentalismo islâmico como premissa do Islamismo Radical.....	31
4.4 O islamismo radical como consequência do fundamentalismo islâmico .....	34
4.5 Organizações terroristas no Magrebe Islâmico desde 1979. ....	36
4.6 Síntese Conclusiva.....	38
<b>Capítulo 5 – A Presença Estrangeira e o Terrorismo no Magrebee desde 1979 .....</b>	<b>40</b>
5.1 Prolegómenos .....	40
5.2 A importância da relação comercial Europa-Magrebee .....	40
5.3 A liberalização do mercado energético no Magrebe como influência para ataques terroristas na região. ....	43
5.3.1 Argélia .....	44
5.3.2 Marrocos.....	45
5.3.3 Tunísia .....	46
5.4 O estrangeiro como alvo de ataques terroristas no Magrebee desde 1979.....	47
5.5 Síntese conclusiva .....	50
<b>Conclusões e Recomendações .....</b>	<b>51</b>
Generalidades .....	51
Cumprimento dos objetivos.....	51

Resposta às Questões Derivadas .....	51
Verificação da Hipóteses .....	53
Resposta à Questão Central .....	54
Limitações da Investigação .....	54
Propostas de Investigações Futuras .....	55
Bibliografia.....	56
Apêndices .....	I
Anexos.....	III

## Índice de figuras

### Anexos

Figura n.º 1 – Mapa Histórico de Território Islâmico .....	IV
Figura n.º 2 – O Golfo Pérsico .....	VI
Figura n.º 3 – Rede de Pipelines do Norte de África.....	VII
Figura n.º 4 – Importações e Exportações de Gás a Nível Mundial.....	VIII
Figura n.º 5 – Importações e Exportações de Petróleo a Nível Mundial.....	IX
Figura n.º 6 – Evolução dos Ataques Terroristas no Magrebee desde 1979 até 2012.....	X
Figura n.º 7 – Evolução dos Ataques Terroristas na Argélia desde 1979 até 2012.....	XI
Figura n.º 8 – Evolução dos Ataques Terroristas em Marrocos desde 1979 até 2012 .....	XII
Figura n.º 9 – Evolução dos Ataques Terroristas na Tunísia desde 1979 até 2012.....	XIII

## **Índice de Tabelas**

Tabela n.º 1 – Frequência de uso de termos na análise de 109 definições de terrorismo.... III

## **Lista de Apêndices**

Apêndice A - As Correntes Kharijita, Xiita e Sunita .....	I
---	---

## Lista de Anexos

Anexo A - Frequência de uso de termos na análise de 109 definições de terrorismo .....	III
Anexo B - Mapa Histórico de Território Islâmico .....	IV
Anexo C - Definição de Terrorismo da União Europeia .....	V
Anexo D - O Golfo Pérsico .....	VI
Anexo E - Rede de Pipelines do Norte de África .....	VII
Anexo F - A Relação Energética com a Europa .....	VIII
Anexo G - Evolução dos Ataques Terroristas no Magrebe desde 1979 .....	X
Anexo H - Evolução dos Ataques Terroristas na Argélia desde 1979 .....	XI
Anexo I - Evolução dos Ataques Terroristas em Marrocos desde 1979 .....	XII
Anexo J - Evolução dos Ataques Terroristas na Tunísia desde 1979 .....	XIII

## Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

### A

AICEP	Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal
AM	Academia Militar
APA	<i>American Psychological Association</i>
AQMI	Al-Qaeda no Magrebe Islâmico

### B

BES	Banco Espírito Santo
BP	<i>British Petroleum</i>

### C

CEDN	Conceito Estratégico de Defesa Nacional
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
CSIS	<i>Center for Strategic and International Studies</i>

### E

EDP	Energias de Portugal
EIA	<i>Energy Information Administration</i>
EIS	Exército Islâmico de Salvação
ETA	<i>Euskadi Ta Askatasuna</i>
EUA	Estados Unidos da América

### F

FAO	<i>Food and Agriculture Organization</i>
FBI	<i>Federal Bureau of Investigation</i>
FIS	<i>Front Islamique du Salut</i>
FMI	Fundo Monetário Internacional

### G

GIA	<i>Groupe Islamique Armée</i>
G.M.	Guerra Mundial



GSPC	<i>Groupe Salafiste pour la Prédication et le Combat</i>
GTD	<i>Global Terrorism Database</i>
<b>I</b>	
i.e	<i>id est</i> (isto é; ou seja)
IDE	Investimento Direto Estrangeiro
IED	<i>Improvised Explosive Device</i>
ILO	<i>International Labour Organization</i>
IMRO	<i>Inner Macedonian Revolutionary Organization</i>
<b>M</b>	
MED	Mediterrâneo
<b>N</b>	
N.A.	Nota do Autor
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
NEPAD	<i>New Partnership for Africa's Development</i>
NSPG	<i>National Security Planning Group</i>
<b>O</b>	
ONU	Organização das Nações Unidas
<b>P</b>	
p.	página
PFLP	<i>Popular Front for the Liberation of Palestine</i>
PLO	<i>Palestine Liberation Organization</i>
<b>R</b>	
RAF	<i>Red Army Faction</i>
<b>S</b>	
Séc.	Século
<b>T</b>	
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
<b>U</b>	

UE	União Europeia
UNCTAD	<i>United Nations Conference on Trade and Development</i>
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
US	<i>United States</i>
	<b>W</b>
WIR	<i>World Investment Report</i>

## Capítulo 1

### Introdução

#### 1.1 Generalidades

Decorrente da estrutura curricular dos cursos da Academia Militar, surge como última etapa o Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), no nosso caso, subordinado ao tema “Terrorismo: Uma Abordagem Conceptual”.

A Introdução enquadra e justifica a pertinência da problemática em questão de uma forma sucinta mas objetiva, evidenciando a contextualização do tema e justificando a sua investigação. Iniciando-se com a Questão Central, esta foi declinada e os caminhos para a sua resposta configuram-se através das demais Questões Derivadas. Estes elementos deram origem ao respetivo Objetivo Geral e Objetivos Específicos. Seguidamente, através do conhecimento obtido na fase exploratória e aquele que estava primariamente adquirido, foram elencadas Hipóteses de resposta à Questão de Partida. Finalizando, apresenta-se a metodologia, o modelo de investigação adotado e a respetiva estrutura do trabalho.

#### 1.2 Enquadramento da Investigação

O termo “Terrorismo”, apesar de não arrastar uma definição internacionalmente aceite, não constitui fenómeno novo criado na sequência dos mediáticos ataques do início do século XXI, que representou a subida aos extremos da resposta violenta contra a violência atribuída ao poder de um Estado ou ordem transnacional (Moreira, 2004), pelos seus intervenientes representarem um alargamento invulgar na dimensão internacional das ações terroristas até à altura (Torres, 2004).

O entendimento atual acerca do terrorismo é envolto de incerteza quanto ao que se considera um ato terrorista, e quanto aos critérios segundo os quais diferentes países se regem para adotar uma definição deste fenómeno. Além disso, é divergente, ou aparenta divergência, no mundo atual e na “sua vertente Ocidente *versus* Oriente (...) por uma falta de consenso entre as partes, que se prevê cada vez mais incontornável.” (Bessa, 2006, p.10).

Terá sido desde o Séc. XVIII, altura da Revolução Francesa, que começou a ganhar relevância (Martins, 2010), tendo apenas recentemente ganho dimensão mediática internacional. Tal dimensão levou o mundo “ocidental” para conceptualizações coletivas (Nações Unidas), como para Individuais (Estados), consoante a sua agenda no combate ao terrorismo pretender adotar convenções, normas ou leis, de carácter mais internacional ou mais Estatal (Lousada, 2007). Walter Laqueur (1987) refere que nenhuma definição pode englobar todas as variedades de terrorismo que existiram ao longo da história. São questões essencialmente políticas, religiosas, sociais e económicas, aliadas a um fanatismo extremo, que impulsionam a ação de grupos ou minorias para esta forma violenta de expressão (Martins, 2010) presente e particularmente visível na região do Magrebe, alvo primário desta investigação, e que poderá vir a criar um foco de instabilidade na região, influenciando as relações Europa-Magrebe (Leal, 2010).

Considerando que este tipo de técnica violenta de atuação é perpetrado por grupos, é notável a associação à lógica do “fraco ao forte”, i.e., apesar da relação de extrema desproporcionalidade entre os “oponentes”, a opção de atacar com o fator surpresa a favor é tido em consideração pelos grupos. Na sua ação, o professor Adriano Moreira (2004), refere que em vez de enfrentar os exércitos, ataca brutalmente as populações inocentes para quebrar o pilar da confiança que as liga ao poder legítimo. E no seguimento desta linha surge o impacto mediático próprio e inerente de um ato terrorista. Este é tão mais bem-sucedido quanto maior for o seu impacto internacional.

### **1.3 Justificação da Escolha**

No que toca a esta perceção, e à explicação para a existência do terrorismo, em especial no que toca à sua associação religiosa Islâmica, esta carece de fundamentação. A necessidade de compreensão desta temática e das origens que lhe são associadas, tanto para as futuras chefias militares, como para a correta interpretação do seu entendimento pela generalidade do ensino militar, revela-se portanto uma problemática revestida de necessidade de verificação.

Posto isto, e dado estarmos a abordar um assunto que diz respeito não só a Portugal, como à Europa, as consequências das ações terroristas e a finalidade do terrorismo como técnica utilizada na região do Magrebe, constituem-se como objeto de estudo pertinente para alcançar um entendimento comum acerca do fenómeno nessa região.

Este tema justifica-se justamente pela importância e presença do terrorismo a nível internacional; por outro lado, e dado estarmos a falar de expressões violentas que, dentro de diferentes quadros institucionais, poderão envolver forças militares, parece pertinente as escolas militares abordarem este tipo de temática, incluindo-se o ponto de vista conceptual, considerando o nível do ensino em que nos situamos.

#### **1.4 Objetivo Geral e Objetivos Específicos**

O Objetivo Geral deste trabalho será verificar a importância de que se reveste a finalidade, no entendimento de terrorismo, enquanto técnica utilizada na região do Magrebe, a partir de 1979.

Como Objetivos Específicos deste trabalho podemos então salientar os seguintes: verificar em que medida a revolução iraniana e a invasão do Afeganistão, em 1979, contribuíram para o que atualmente se entende por terrorismo enquanto técnica utilizada na região do Magrebe; conferir da importância que representa, para o ensino superior público militar, a percepção do radicalismo islâmico como influência para o que atualmente se entende por terrorismo enquanto técnica utilizada na região do Magrebe, e verificar em que medida a presença estrangeira na região do Magrebe influencia a finalidade, no entendimento de terrorismo enquanto técnica utilizada na região.

A problemática em questão surge precisamente devido à inexistência de um entendimento comum, e de uma definição, relativamente ao terrorismo utilizado na região do Magrebe, à sua possível ligação ao radicalismo islâmico e respetiva origem, e da pouca importância que o entendimento acerca do fenómeno ocupa no âmbito do ensino militar e no âmbito das chefias nacionais, que mantêm relações comerciais e diplomáticas com países magrebinos.

#### **1.5 Questão Central e Questões Derivadas**

Para a elaboração do Trabalho de Investigação Aplicada, e no âmbito das ciências sociais, a investigação decorrente deste exige um método para ser concretizada adequadamente. O método adotado para esta investigação será o dedutivo, raciocínio no qual

a conclusão do problema está implícita nas premissas, e que consiste, essencialmente, em partir do geral para o particular.

A Questão Central que traduz o problema a ser investigado, ou porventura resolvido, será: **“Qual a importância da finalidade, no entendimento de terrorismo enquanto técnica utilizada na região do Magrebe, a partir de 1979?”**.

Sendo a Questão Central o pilar principal da investigação, nela assentam, na forma de potenciais percursos a adotar, as Questões Derivadas. Estas assumem a finalidade de, no final de toda a investigação e análise, alcançar ou facilitar uma possível resposta à Questão Central. Desta forma, aquelas que vão ser adotadas como Questões Derivadas, declinadas da central, são as seguintes:

Q.D.1 Em que medida contribuiu a revolução iraniana e a invasão do Afeganistão pela então União Soviética, em 1979, para o entendimento de terrorismo enquanto técnica utilizada na região do Magrebe?

Q.D.2 Qual a importância, no ensino militar, da percepção do radicalismo islâmico como influência para o que hoje se entende por terrorismo enquanto técnica utilizada na região do Magrebe?

Q.D.3 Qual a influência da atividade comercial europeia no Magrebe, na finalidade do terrorismo enquanto técnica utilizada na região?

## 1.6 Hipóteses

No seguimento da organização da investigação, e de forma a conduzi-la com ordem e rigor, serão elencadas hipóteses. Estas, fonte da sua etimologia grega (hypo = sob, thesis – proposição), têm como finalidade representar proposições de resposta à Questão Central, decorrentes da reflexão teórica e conhecimento preparatório do fenómeno em estudo, materializando os principais eixos segundo os quais se irá conduzir a pesquisa. Deduziram-se então as seguintes hipóteses de trabalho:

H1: A finalidade representa, no entendimento de terrorismo, enquanto técnica utilizada no Magrebe, desde 1979, a forma mais importante de englobar os vários objetivos do terrorismo praticado na região.

H2: A finalidade é o fator mais importante no entendimento de terrorismo, enquanto técnica utilizada no Magrebe, desde 1979.

H3: A finalidade, no entendimento de terrorismo no Magrebe, desde 1979, é mais importante do que a referência ao tipo de alvos escolhidos por quem pratica essa técnica na região.

## **1.7 Metodologia**

A presente investigação cumpre as orientações fornecidas pela Academia Militar (AM) (2013), através da Norma de Execução Permanente (NEP) 520/2<sup>a</sup>/29ABR13/AM, seguindo, igualmente, em caso de omissão, as normas *American Psychological Association* (APA), 6.<sup>a</sup> edição, por remissão do ponto 4.a. do Anexo F.

O procedimento contemplou um estudo de caso limitado no espaço e no tempo, com recurso a fontes múltiplas e à análise documental como método de recolha de dados.

Neste âmbito, a primeira fase consistiu numa pesquisa documental em fontes primárias em relação a artigos, obras e documentos, bem como a fontes secundárias, extraíndo as situações e razões pelas quais os documentos foram criados. Na conjugação das informações, dados e documentos analisados, foram respondidas as perguntas e cumpridos os objetivos, numa caminhada que culminou com uma resposta completa e sustentada à Questão Central e com o cumprimento do Objetivo Geral.

## **1.8 Estrutura do Trabalho e Sínteses dos Capítulos**

O presente trabalho encontra-se dividido em seis Capítulos, inserindo-se nestes a Introdução e as Conclusão e Recomendações.

A Introdução tem a finalidade de enquadrar a investigação e justificar a pertinência da temática escolhida. O segundo capítulo diz respeito à metodologia adotada no trabalho e aos demais procedimentos utilizados para a realização do estudo. Por sua vez, o terceiro capítulo esquematiza a evolução do terrorismo, revelando alguns dos principais conceitos de uma forma igualmente evolutiva. O quarto capítulo consiste na análise do fundamentalismo islâmico como premissa do islamismo radical, descrevendo as origens e principais fatores que levaram à sua expansão, com especial enfoque no Magrebe. O quinto capítulo aborda a relação comercial entre a Europa e o Magrebe, analisando os respetivos dados que põem em evidência a presença estrangeira na região, desde 1979. Deste modo, é possível concluir

acerca da influência que representa no terrorismo praticado neste território. Por fim, teceram-se as Conclusões e Recomendações, em que a Questão Central da investigação é respondida, a par das Questões Derivadas a que correspondem os Objetivos Específicos. Desta forma, será possível refutar ou validar as deduções hipotéticas formuladas.



## Capítulo 2

### Metodologia e Procedimentos

#### 2.1 Generalidades

Oliveira (2005, p.28) considera metodologia como sendo o “processo onde se aplicam diferentes métodos, técnicas e materiais (...) para a coleta de dados no campo”. Os procedimentos, por sua vez, consideram-se como “uma forma de progredir em direção a um objetivo” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p.25), formalizando-se através de métodos que se constituem como “percursos diferentes concebidos para estarem mais adaptados aos fenômenos ou domínios estudados.” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p.25). Estes conceitos, no seguimento, materializam-se com a sua escolha para a recolha de dados, a escolha do instrumento de recolha, a identificação da amostra, a categorização e a análise dos dados obtidos (Oliveira, 2005).

O processo de investigação é constituído por três fases: a conceptual, a metodológica e a empírica. Estas englobam a proposta do problema a resolver, as perguntas derivadas que dele decorrem, e as hipóteses que permitem a sua verificação, por via da experimentação ou observação (Freixo, 2012).

A fase conceptual “pressupõe principalmente uma forma ordenada de formular ideias, de as documentar em torno de um tema preciso tendo em vista uma conceção clara e organizada do objeto em estudo” (Freixo, 2012, p. 184). É nesta fase que se vai formular o problema a resolver, constituído na Pergunta de Partida, Perguntas Derivadas decorrentes deste, e as hipóteses que o poderão solucionar. No presente estudo, os produtos desta fase encontram-se referidos no Capítulo 1 – Introdução.

A fase metodológica “inclui todos os elementos que ajudam a conferir à investigação um caminho ou direção” (Freixo, 2012, p.205). Nesta etapa, e no nosso caso, é aqui onde se define e escolhe os métodos de recolha e análise de dados e onde se prevê a edificação de um modelo de análise que exprima o modo como o investigador vai abordar a problemática. Tais aspetos serão referidos posteriormente.

A fase empírica inclui “a colheita de dados no terreno com a utilização do meio de recolha de dados previamente elaborado, seguido da organização e do tratamento dos dados.

(...) Em seguida, passa-se à apresentação, interpretação e depois à comunicação dos resultados, podendo-se propor novas vias de investigação e formular recomendações” (Freixo, 2012, p. 244). Esta consubstanciou-se ao longo do trabalho pelos factos apresentados, bem como pelos dados estatísticos analisados.

## **2.2 Método de Abordagem ao Problema e Justificação**

O método de abordagem à problemática, neste Trabalho de Investigação Aplicada, tem uma natureza dedutiva, denominado como tal por Aristóteles. Este “tem origem na conceção racionalista das ciências e constitui o instrumento de aplicação na investigação” (Freixo, 2012, p.106). Consiste em “partir de premissas gerais em busca de uma verdade particular” (Freixo, 2012, p.106). Partiu-se, desta forma, do modelo de análise da revisão de literatura e dos dados obtidos, sendo possível a sua relação para, no fim, permitir igualmente às Hipóteses serem confirmadas ou infirmadas.

## **2.3 Técnicas, Procedimentos e Meios Utilizados**

Fortin refere, acerca da natureza do problema de investigação, que este “determina o tipo de métodos de colheita de dados a utilizar” (Fortin, 2009, p.239). Desta forma, as três fases desta investigação basearam-se na análise documental, constituindo a totalidade do esforço, com a prevalência de fontes primárias, nomeadamente a literatura estrangeira (Walter Laqueur, Bruce Hoffman, Paul Wilkinson, David C. Rapoport, Martha Crenshaw, etc.), documentos (artigos, resoluções, etc.) ou relatórios emitidos por organizações internacionais e entidades especialistas, por exemplo, a Organização das Nações Unidas (ONU), a União Europeia (UE), o Fundo Monetário Internacional (FMI), a British Petroleum (BP), o governo dos EUA, bem como várias notícias e relatórios estatísticos. Com vista a recolher informação mais específica, para colmatar possíveis lacunas, foram recolhidos dados e informações de fontes secundárias correspondentes a autores portugueses e estrangeiros reconhecidos nos assuntos abordados.

## **2.4 Local e Data da Pesquisa e da Recolha de Dados**

Para a pesquisa documental, recorreu-se essencialmente à Biblioteca da Academia Militar, Biblioteca Nacional e Biblioteca Municipal de Oeiras. Na consulta de relatórios, documentos, informação, notícias e legislação internacionais ou nacionais, a *internet* foi o meio privilegiado, dada a sua eficácia, rapidez e atualização. Toda esta investigação desenrolou-se desde o mês de maio de 2013 a julho de 2014.

## **2.5 Descrição dos Materiais e Instrumentos Utilizados**

Quivy e Campenhoudt (1998, p. 187-188) justificam escolher-se um instrumento de recolha de informação, dependendo “na realidade, dos objetivos da investigação, do modelo de análise e das características do campo de análise” (Quivy e Campenhoudt, 1998, p.186). Deste modo, e de acordo com estes aspetos, e o estudo pretendido, foi utilizado apenas um instrumento de recolha: a pesquisa documental.

A pesquisa documental procurou centrar-se em obras específicas sobre o objeto em estudo, ou com este relacionado, legislação e documentos das demais organizações internacionais, notícias e elementos doutrinários. Por sua vez, a *internet* facultou o acesso a documentos e artigos em formato digital, indisponíveis em outro formato no tempo disponível para a recolha de informações.

## Capítulo 3

### Terrorismo: Origens e Evolução

#### 3.1 Prolegómenos

Com a finalidade de proporcionar uma perspectiva abrangente da problemática que é o estudo do terrorismo, identificámos ao longo deste capítulo os órgãos, as entidades e organizações que nos irão facultar um quadro conceptual de referência para esta investigação, conciliando-os de forma a orientar os nossos esforços para a área geográfica e espaço temporal em estudo.

Foi-nos possível então apurar os atores internacionais e nacionais que mais contribuíram em termos de conhecimento e percepção para o entendimento do terrorismo no Magrebe, de forma a sintetizar o vasto conhecimento existente acerca da temática na região, por vezes tão desprovido de objetividade<sup>1</sup>.

#### 3.2 As Raízes

Antes de arrancarmos efetivamente para a esfera do terrorismo e toda a sua etologia e origens, importa desde cedo diferenciar as origens do termo aqui apresentado, da origem das ações consideradas como tal, de forma a entendermos, historicamente, a sua evolução.

Historicamente enraizado no mundo, alguns movimentos seculares começaram a utilizar o terror em ações que hoje se conhece como “terrorismo”, sendo essa técnica,

---

<sup>1</sup> Walter Laqueur considera que uma definição de terrorismo não pode contemplar todas as formas de terrorismo que já existiram, além de apontar a falta de consenso relativamente a uma definição, mesmo no seio da ONU: “*A ONU não obteve consenso quanto a uma definição de terrorismo, e por razões óbvias, nunca irá*” (Laqueur, 2003, p.233) – Tradução livre. Por outro lado, Alex P. Schmid e Albert J. Jongman (1988) tentam definir terrorismo, analisando 109 definições de terrorismo (Ver Anexo A – Frequência de Utilização de Termos na Análise de 109 Definições de Terrorismo), nas quais, numa tentativa de criar uma definição, se baseiam na frequência da utilização de termos como violência, força, político, etc. Finalmente, e noutra perspectiva, Bruce Hoffman (2006) defende que se não é possível definir terrorismo, no mínimo devemos distingui-lo claramente de outras formas de violência e identificar as características que fazem do terrorismo o fenómeno de violência política que representa.

contudo, ainda desprovida do seu termo atual. Começando com os *sicarii*, uma seita religiosa extremista-nacionalista religiosa hebraica do século I (Lousada, 2007), organizada e atuando através de táticas inortodoxas quando atacavam os seus alvos durante o dia junto de multidões em Jerusalém (Laqueur, 1987), passando por outra, os *Nizaritas*, seita surgida na Pérsia, no séc. XI, como resistência aos turcos seljúcidas, e tendo atuado até à Síria, sendo extinta no séc. XIII pelos mongóis e relatada por cruzados que os apelidavam de “hashishin” por estarem drogados por hashish (Martins, 2010). “Os Assassinos, baseados na Pérsia, alargaram o seu raio de ação para a Síria, matando prefeitos, governadores, califas e até Conrad de Montferrat, o Rei Cruzado de Jerusalém. (...)o grupo era demasiado pequeno para enfrentar o inimigo em guerra aberta, contudo a campanha de terror duradoura, planeada e sistemática levada a cabo por um pequeno grupo disciplinado poderia ser uma arma política mais eficaz.”<sup>2</sup> (Laqueur, 1987, p.13).

Alguns séculos depois, de acordo com Laqueur (1987), surgem os termos “Terrorismo” e “Terrorista”. O seu significado ter-se-á dado em 1798 num suplemento do *dictionnaire de la Académie Française* como “*systeme, regime de la terreur*”, proveniente do tempo pós Revolução Francesa que caracterizava as práticas dos dirigentes revolucionários Jacobinos sob liderança de Maximilien Robespierre entre setembro de 1793 e julho de 1794 (Martins, 2010). A justificação para essas ações residia, segundo o mesmo, na crença dessa técnica constituir a principal fonte de um governo popular, que em períodos de revolução deve aliar as suas virtudes ao terrorismo, em prol da prevalência da democracia (Hoffman, 2006). Foi subsequentemente alargando o seu significado nos dicionários, nomeadamente o de terrorista, como sendo “qualquer pessoa que tente promover os seus pontos de vista através de um sistema de intimidação coerciva”<sup>3</sup> (Laqueur, 1987). O termo foi perdendo objetividade até à data, abrangendo quase qualquer ato de violência, não necessariamente política.

### 3.3 A evolução do fenómeno

Seguida a análise histórica desta técnica, iremos partir para uma análise evolutiva, a partir da introdução oficial do termo no *dictionnaire de la Académie Française*.

---

<sup>2</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>3</sup> N.A.: Tradução livre.

Partindo dessa época histórica, David Rapoport esquematiza quatro principais eras terroristas, de modo a esquematizar as diferentes fases da utilização desta técnica. Fazendo a descrição dessa evolução, iremos apresentar esses períodos numa sequência lógica de acontecimentos que enquadrem os três últimos séculos de movimentos, grupos e ações deste fenómeno.

Começando primeiramente com as diversas vagas e perseguições contra minorias que mereceram a categoria de que falamos, não se enquadrando, contudo, nas grandes eras terroristas, por serem específicos de um certo período e país (Rapoport, 2006), enumeram-se os ataques motivados pelo racismo, preconceito e ódio depois da guerra civil americana, pelo grupo “Ku Klux Klan”, que através de “linchamentos” provocaram a onda de medo e terror entre a raça negra de finais do séc. XIX e início do séc. XX (Martins, 2010). Enquanto na margem Oeste do Atlântico se praticava esta técnica, os irlandeses pretendiam utilizar as mesmas técnicas violentas com a finalidade de expulsar a ocupação estrangeira do seu território, prevalecendo nesta época a ideologia nacionalista ou anarquista. Estes, por norma idealística e altruísta, atacavam somente órgãos e entidades políticas inglesas que ocupavam o seu território, que na sua opinião era uma ocupação repressiva, e que deixou o país numa situação de depressão, dando origem a ocorrências periódicas de fome e as conhecidas emigrações em massa para a América (Laqueur, 2003).

Por outro lado, o começo da Era anarquista começaria na União Soviética, apoiada na corrente do, talvez, maior teórico de terrorismo conhecido na época – Mikhail Bakunin, “Ele recomendou que os terroristas identificassem os inimigos mais capazes e inteligentes e os matassem em primeiro lugar, uma vez que estes assassínios iriam inspirar o medo na sociedade e no governo”<sup>4</sup> (Laqueur, 1999, p. 15) – caracterizada como as principais vagas de ataques contra o regime russo da época. O “Narodnaya Volya”<sup>5</sup> foi o movimento que se destacou e que durante quatro décadas apregoou a necessidade do terrorismo como meio de consciencializar as massas e obter resposta política com a morte dos seus dirigentes (Madeira, 2005). Interrompendo a linha de pensamento, mas apercebendo-nos de que a ideia da propagação do medo na sociedade era uma das finalidades do terrorismo praticado por estes grupos, terá sido nesta altura que o termo em estudo passou a ser comumente utilizado, depois de ser adotado por estes, ao descreverem a sua atividade contra o Czar (Borges, 2009). Em 1999, Walter Laqueur volta a referir o seguinte: “O movimento terrorista

---

<sup>4</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>5</sup> Movimento “A Vontade do Povo”, composto por constitucionalistas e fundado em 1878 para desafiar o regime do Czar Alexandre II, assassinando-o em 1881 (Hoffman, 2006, p.6).

mais marcante antes da Primeira Guerra Mundial foi o dos anarquistas, cujas ações em toda a Europa preocuparam a opinião pública (...). O pânico não era totalmente injustificado, uma vez que houve inúmeros atentados contra a vida dos principais estadistas entre a década de 80 do séc. XIX e a primeira década do séc. XX”<sup>6</sup> (Laqueur, 1999, p.20).

A segunda Era diz respeito ao período entre os anos 20 e o ano de 1960, apelidada de anticolonial, dada a expressão revolucionária dos movimentos da altura, podendo o seu início ser atribuído ao Tratado de Versalhes (marco do fim da 1ª G.M), que colocou a administração de muitos territórios de países vencidos sob tutela dos países vencedores (Rapoport, 2006).

Antes de passarmos para a segunda metade do séc. XX, a última fase desta era, notamos que, de entre as atividades terroristas separatistas, as do movimento Basco ETA<sup>7</sup> eram as que predominavam na Península Ibérica, tendo contudo retraído a sua atividade durante a ditadura franquista que apenas depois da morte de Franco pôde retomar as suas atividades livremente (Laqueur, 1999). Desta feita, vertendo agora a nossa observação para o seio do Império Otomano, várias frentes terroristas atuavam. Colocando-as em perspetiva, os arménios contra a Turquia repressiva que se prolongou através da Primeira Guerra Mundial (doravante 1ª G.M.) e teve o seu fim nas décadas de 70-80, com o assassinio de dois embaixadores turcos na Áustria e França. A IMRO<sup>8</sup> macedónia, que pretendia ganhar a independência do Império Otomano, praticou ações terroristas com apoio do governo búlgaro<sup>9</sup>, não sucedendo na sua causa, na altura destas, mas apenas depois da Segunda Guerra Mundial (doravante 2ª G.M.).

Neste seguimento, percecionamos que algumas outras ações do tipo foram perpetradas sem grandes vagas também em alguns estados da Europa entre o rescaldo da 1ª G.M. e o início da 2ª G.M., patrocinadas maioritariamente por grupos de extrema-direita e nacionalistas-separatistas, proeminentes no seguimento da 1ª G.M (algumas ações independentistas croatas patrocinadas por Mussolini e grupos estudantis e de ex-soldados alemães inconformados com o culminar da Alemanha Nazi) (Laqueur, 1999). É já depois da

---

<sup>6</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>7</sup> ETA - Euskadi Ta Askatasuna ou “Pátria Basca e Liberdade”.

<sup>8</sup> IMRO - Inner Macedonian Revolutionary Organization (Hoffman, 2006, p.11).

<sup>9</sup> A IMRO desenvolveu ações terroristas ao longo de três décadas (Laqueur, 1999) contra o Império Otomano, e com o apoio da Bulgária, com vista à independência. Porém, depois da 1ª G.M, a parte Norte do território da Macedónia foi ocupada pela Bulgária, Sérvia (formando a primeira Jugoslávia – Reino dos Servos, Croatas e Eslovenos) e Grécia, iniciando desta vez campanhas terroristas para a desintegração da Jugoslávia (Shapiro, 2004). “A IMRO nunca esteve perto de conseguir o seu objetivo de uma Macedónia independente” (Hoffman, 2006, p.11) – Tradução livre. Apenas foi possível à Macedónia tornar-se independente em 1991, depois de desintegrar a República Socialista Federal da Jugoslávia, sendo em 1993 aceite como membro da ONU como “Antiga República Jugoslava da Macedónia” (UN, 1993).

2ª G.M que os territórios coloniais europeus começam a assistir às suas vagas revolucionárias, interessando-nos neste caso o Norte de África, cujas fações em confronto eram patrocinadas pelas duas grandes potências (EUA e URSS) (Leandro, 2004).

Entrando já na segunda metade do séc. XX, este instrumento volta a ser utilizado por grupos de esquerda, desde a grande vaga anarquista mencionada anteriormente, por oposição a valores materialistas e tecnológicos dos países mais desenvolvidos<sup>10</sup> (Martins, 2010).

Desta forma, depois do desenvolvimento dos confrontos entre vietnamitas e as tropas dos EUA durante a guerra do Vietname, descortinando a vulnerabilidade das grandes potências, irromperam ações de grupos, que, encorajados pela União Soviética, espalharam o terror pelo ocidente alegando que os novos regimes não eram verdadeiramente democráticos (Rapoport, 2006). Falamos das “*Brigate Rosse*” italianas, a RAF, *Red Army Faction* (ou movimento *Baader-Meinhof*) alemã, a *Japanese Red Army*, as FP-25, em Portugal, o Exército Revolucionário do Povo, na Argentina, o movimento de esquerda revolucionário no Chile, e as fações Palestinianas (com pendor religioso), que constituíram a nova vaga de esquerda dos anos 60-70 (Moten, 2010). Globalmente dispersas, dão início à terceira Era de Rapoport, a da Nova Esquerda, caracterizada por movimentos anarquistas reformulados, que contavam já com a norma de ataques indiscriminados sem diferenciação de inocentes. Numa corrente niilista<sup>11</sup> de que os meios, por si só, justificam os fins (Lousada, 2007), excecionamos apenas os grupos já existentes em locais particulares como sendo a ETA ou o IRA, marcadamente nacionalistas.

Transitando para o Médio Oriente exatamente no mesmo período, entravam em cena as ações que marcaram a história da internacionalização do fenómeno, o assalto por membros da Frente Popular para a Libertação da Palestina a 22 de julho 1968 a um avião de uma companhia israelita com destino a Roma, obrigando-o a aterrar na Argélia (Fernandes, 2004). De cariz nacionalista, esta não foi a única ação que internacionalizava o fenómeno<sup>12</sup>,

---

<sup>10</sup> “Existia um idealismo, antimilitarismo e repulsa genuínos contra as desigualdades das sociedades modernas, a pobreza, a fome e a exploração no Terceiro Mundo” – tradução livre (Laqueur, 1987, p.235).

<sup>11</sup> Niilismo ou nihilismo, é uma corrente filosófica que problematiza a falta de sentido da existência humana, derivando etimologicamente, do latim “nihil”, que significa “nada”. Friedrich Nietzsche, no seu livro “O Anti-Cristo” (2006), publicado originalmente em 1895, refere que o niilismo nega os valores metafísicos, como Deus, em que os valores de decadência dominam, sem atribuir valor à vida, esta não tendo significado.

<sup>12</sup> Algumas ações de carácter internacional foram “praticadas por agentes ao serviço de governos de países como o Irão, a Líbia, o Iraque, a Bulgária, a Coreia do Norte, na maior parte das vezes para eliminarem opositores refugiados em países estrangeiros” (Martins, 2010, p.23). Hoffman (2006, p.63) refere que o sequestro de aviões foi recorrente em 1968 (11 sequestros) mas estes foram “apenas (...) revolucionários de outros países a exigirem aviões comerciais como simples meio de transporte para Cuba”. Afirma ainda que se destacou pelo simbolismo político que representou: a exigência de libertação de prisioneiros terroristas palestinianos presos em Israel. Por sua vez, Jenkins e Johnson (1975) consideram apenas os incidentes que tiveram repercussões internacionais, onde terroristas se deslocaram para fora do seu país de origem para realizar



sendo porém a que mais impacto causou na percepção de que o terrorismo ganhou dimensão internacional (Rogeyro, 2003), que depois da derrota dos países árabes na Guerra dos Seis Dias (1967), fez a Palestina abandonar a esperança de resolver o conflito israelo-palestino por via militar, espoletando uma corrente de vagas terroristas contínuas até hoje (Schmid e Jongman, 1988). Essa corrente contava com uma vantagem relativamente a outros tipos e grupos terroristas, era apoiada por vários países árabes, e contava com diversos grupos para a sua atuação, seja a PFLP<sup>13</sup>, ou o Fatah liderado por Yasser Arafat (este atualmente menos radical, fazendo com que fosse aceite pela sociedade internacional), que se constituía como o ramo militar da PLO<sup>14</sup> (ou OLP). Outro importante marco do terrorismo além-fronteiras deste conflito foi o Massacre de Munique, como é conhecido, um ataque do grupo *Black September* Palestino que causou a morte de onze atletas israelitas durante os Jogos Olímpicos de Munique em 1972, contrariando estas duas datas, novamente, a ideia já ultrapassada do fenómeno ser local e concentrado em estados ou regiões definidas (Leandro, 2004).

Foram seguidamente criados nos anos 80 os grupos Hizbullah libanês e o Hamas em Gaza, ambos de índole fundamentalista islâmica. A causa do aparecimento destes novos grupos é descrita tanto por Laqueur (1999) como por Martins (2010) como tendo tido origem no seguimento da criação da Irmandade Muçulmana no Egipto nos anos 20 (discutida numa fase posterior desta investigação) e da revolução iraniana de 1979, esta última constituindo o marco do arranque da quarta e última Era de Rapoport, a Era Religiosa. As datas apresentadas irão ser alvo de posterior atenção nesta investigação. Desde estas evoluções perenes do séc. XX, e podendo aprofundar e descrever dezenas de outros grupos, não indo, contudo, ao encontro do objetivo, que é o da evolução, existe ainda um grupo que, excepcionalmente, devemos referir, uma vez que atua na vizinha Espanha e retomou a sua atividade em pleno depois da queda da ditadura franquista referida anteriormente – o grupo Basco ETA – que teve o seu auge de ataques nos anos 78-80 com dezenas de assassinios de

---

ataques contra alvos com ligações a países estrangeiros, situados noutra, criando incidentes internacionais ao atacar companhias aéreas, pessoal ou equipamento. De acordo com os mesmos autores, 22 ataques são considerados internacionais até ao assalto da companhia aérea El Al Israel, dos quais, a título de curiosidade, 18 foram ataques bombistas pelo grupo “El Poder Cubano” e dois sequestros de aviões para aterragem em Cuba, como referido por Hoffman.

<sup>13</sup> PFLP – Popular Front for the Liberation of Palestine, fundado em 1967 e liderado por George Habash. Este grupo é contra o processo de paz israelo-palestino (Wilkinson, 2011).

<sup>14</sup> PLO – Palestine Liberation Organization. Fundado em 1964, ficou conhecido como o único representante legítimo do povo palestino. Em 1993, o seu líder Yasser Arafat e o primeiro-ministro israelita Yitzhak Rabin iniciaram o processo de paz israelo-palestino (Rabin foi assassinado em 1995 pelo seu papel no processo de paz) (Wilkinson, 2011).

natureza política<sup>15</sup>, reivindicando desde a sua fundação, a criação do País Basco (Laqueur, 1987).

Porém, a mais sangrenta campanha no final do século teve lugar na Argélia em 1991, altura em que a *Front Islamique de Salut* (FIS), vendo recusado o seu direito de subir ao poder legitimamente<sup>16</sup>, iniciou uma campanha de ataques indiscriminados através do Exército Islâmico de Salvação (EIS)<sup>17</sup>, conjuntamente com o *Groupe Islamique Armée* (GIA) (estes grupos serão alvo de discussão posterior), vitimando cerca de 100 a 150 mil pessoas. Apesar de não se considerarem ataques terroristas isolados, as vítimas indiscriminadas em prol da causa fundamentalista islâmica foi marcante (Laqueur, 2003).

Por fim, as ações de Timothy McVeigh e Terry Nichols marcariam o ataque mais mortal perpetrado nos EUA até à data, em Oklahoma, com 165 mortos e outros 650 feridos no Edifício Federal Alfred P. Murrah, sede de alguns dos principais escritórios da *Drug Enforcement Agency* (DEA) e do *Federal Bureau of Investigation* (FBI). Ao que se constou à data, os ataques foram fruto da sua ideologia assente na rejeição de autoridade no seguimento da queda da União Soviética e fim da Guerra Fria, cujas consequências no mandato de Bill Clinton incluíram a diminuição do exército e aumento da restrição na lei das armas.<sup>18</sup>

Evolutivamente, e decorrente das Eras apresentadas, nenhuma delas deixou realmente de existir por si só, e independentemente de outras. A Era Religiosa, por sua vez, atravessa todas elas, tendo sido neste virar de milénio onde a sua internacionalização foi mais expressiva, com o 11 de setembro de 2001 (Lousada, 2007). Mais adiante exploraremos os motivos e as finalidades desta técnica que estudamos.

“O ressurgimento no início da década de 1980 do terrorismo motivado por imperativos religiosos desencadeou profundas mudanças na natureza, nas motivações e capacidades de terroristas que estão ainda em curso”<sup>19</sup> (Hoffman, 2006, p.257). É desta forma que entra em cena o novo movimento global extremista religioso, sendo uma das finalidades a “recuperação de um tempo de brilho já perdido, cujo fim se deve aos infiéis –

---

<sup>15</sup> Os seus principais ataques (195 assassinatos de figuras políticas desde a sua fundação até 1980) incluíram o assassinato do primeiro-ministro Carrero Blanco, dos governadores militares de Madrid e Guipúzcoa (Laqueur, 1987, p.225), e em 2001, de três políticos (conforme: <http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-11181982>, disponível em 7 de julho de 2014, às 23h50m),

<sup>16</sup> Nas eleições legislativas de 1991, a vitória clara da FIS foram anuladas pelo regime, tendo a oposição islâmica sido expulsa e presa (Leal, 2010).

<sup>17</sup> Ou AIS (*Armée Islamique du Salut*).

<sup>18</sup> Baseado em <http://www.history.com/topics/oklahoma-city-bombing>, disponível em 28 de março de 2014 às 12h35m.

<sup>19</sup> N.A.: Tradução livre.

judeus, cruzados, e apóstatas (xiitas<sup>20</sup>)” (Santos, 2006, p.40), com vista a um Islão puro e à integração de todos os países muçulmanos num Califado (a união da lei política e religiosa do Islão) global (Laqueur, 2003), cuja concretização passa pela luta contra todos os “infiéis” que se encontrem em terras do Islão<sup>21</sup>, e recuperação daqueles territórios que outrora lhe pertenceram<sup>22</sup> (Santos, 2006).

Novamente, o tema do Islamismo radical e das suas origens, dos objetivos desta nova Era Religiosa, assim como o estudo da sua evolução e finalidade, será estudado doravante.

### 3.4 Um conceito desprovido de objetividade – A evolução do conceito de Terrorismo

Sendo a Revolução Francesa marcada pelo início do termo “terrorismo”, como referido anteriormente, iremos concentrar o nosso esforço no estudo da evolução do seu entendimento desde essa época, fazendo especial referência àqueles resultantes das ações proeminentemente radicais islâmicas, materializadas pelos ataques de 11 de setembro de 2001.

Realizar de forma coerente a análise conceptual do terrorismo revela-se uma tarefa complexa, dada a dificuldade de aceitação unânime do mesmo, internacionalmente, e da vasta gama de critérios que, historicamente, vêm a alterar a tipologia, a geografia da atuação, a estrutura organizacional, o alvo, os meios empregues, o *modus operandi*, e (sem enumerar outros) particularmente relevante para esta investigação, a finalidade. Neste seguimento, “os conceitos de terrorismo geraram interpretações muito divergentes.”<sup>23</sup> (Laqueur, 2003, p.232). A dificuldade de uma aceitação de um conceito iniciou logo em 1937, altura em que a Sociedade das Nações tenta definir terrorismo como, “todos os atos criminosos dirigidos contra um estado com a intenção de criar um estado de terror nas mentes de pessoas específicas ou no público em geral”<sup>24</sup> (Laqueur, 2003, p.233). Como Adriano Moreira (2004) refere acerca deste conceito, uma das questões mais equívocas em seu torno é a da justificação, que se multiplica numa variedade de perspetivas em relação a uma singular

---

<sup>20</sup> As correntes Kharijita, Xiita e Sunita são divisões criadas depois da morte do profeta Maomé. Foram divisões criadas devido ao desacordo quanto à sucessão do profeta (Leal, 2010, p.218). Para uma explicação das correntes, ver Apêndice A – As Correntes Kharijita, Xiita e Sunita.

<sup>21</sup> Para a descrição histórica das terras do Islão, ver Anexo B – Mapa Histórico de Território Islâmico.

<sup>22</sup> Como seja o território do Al-Andalus, que corresponde à península Ibérica, conquistada pelos Árabes no século VII e que lhe pertenceram durante cerca de quatro séculos (Santos, 2006, p. 42).

<sup>23</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>24</sup> N.A.: Tradução livre.

realidade identificada, a do essencial do conceito girar em torno da disposição de vida e dos interesses dos inocentes, “com uma metodologia de consequencialismo a partir de diferentes hierarquias de pretendidos valores éticos” (Moreira, 2004, p. 125).

Ao estudarmos, portanto, a evolução conceptual deste fenómeno, uma importante noção apresentada por Bruce Hoffman é prontamente entendida nos prolegómenos da mesma, i.e., do seguimento da Revolução Francesa. Esta refere que, à data, o terrorismo não contemplava a característica indiscriminada e aleatória dos seus alvos, como tem sido o quadro atual, mas sim pela distinção precisa dos seus alvos. Foi no término desta revolução, aquando da morte por guilhotina daqueles que a apoiaram, que o termo em questão sofreu uma mudança de carácter. Se antes era entendido como um meio de se alcançar uma sociedade melhor, foi depois associado a abuso de poder e crime. A juntar a estes, foi popularizado por Edmund Burke<sup>25</sup>, descrevendo os “terroristas” como “Matilhas de cães do inferno (...) soltos sobre as pessoas”<sup>26</sup> (Hoffman, 2006, p.4).

Como descrito anteriormente, noutra local geográfico, o grupo Narodnaya Volya foi responsável por, mais uma vez, alterar o carácter e o entendimento sobre o fenómeno. O grupo veio sistematizar a noção de simbolismo do alvo, através da escolha deliberada daqueles que, de acordo com a sua posição social ou política, poderiam alavancar algo vantajoso na sua luta contra o Czar (Lousada, 2007). Apesar de novamente ainda não se ter entrado no carácter indiscriminado do fenómeno, os grupos irlandeses iniciariam no virar do séc. XIX a voga que viria alterar de novo o quadro conceptual – o ataque a edifícios cerimoniais ou simplesmente atractores de atenção, como simbolismo da sua causa. Este simbolismo, apesar de não representar novidade *per se*, culminou com a real novidade no carácter das ações, as vítimas inocentes (sendo o “inocente” um termo relativamente vago, consideramo-lo doravante como um indivíduo sem influência na causa defendida pelos autores de ataques) diretamente relacionadas com os ataques. Uma vez pisado este desconhecido território, a escalada de violência contra inocentes não cessou, mesmo não sendo essa a intenção principal dos perpetrantes, que antes procuravam atingir não só a economia, como também publicitar a sua causa (Hoffman, 2006).

Atravessando para o séc. XX, mais concretamente a partir do seu primeiro terço, o termo voltaria a sofrer alterações conceptuais de acordo com as Eras de Rapoport já

---

<sup>25</sup> Edmund Burke (1729 - 1797) “Foi um grande político, orador e pensador político, reconhecido pelo seu forte apoio à revolução americana e feroz oposição à Revolução Francesa.” (tradução livre) conforme [http://www.bbc.co.uk/history/historic\\_figures/burke\\_edmund.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/burke_edmund.shtml), disponível em 24 de março de 2014, às 11h47m.

<sup>26</sup> N.A.: Tradução livre.

apresentadas (Anarquista, Anticolonial, Nova-Esquerda e Religiosa). Estas alterações referiam-se ao aumento das práticas repressivas pelos regimes Nazi e Fascista contra as suas massas (Martins, 2010), numa tentativa de minimizar movimentos revolucionários e, mais importante, como facilitador de uma limpeza étnica. Mussolini viria a dizer inclusive: “Terror? Nunca, simplesmente ... higiene social, retirando esses indivíduos de circulação da mesma forma que um médico retira um bacilo”<sup>27</sup> (Hoffman, 2006, p.14). A conotação deste termo balançou assim, novamente, para as correntes revolucionárias aquando da Era Anticolonial (1920-60), altura em que “emergem os movimentos subversivos e as guerras revolucionárias, ganhando relevância internacional com ocorrências na Indochina, na Índia, no Magrebe árabe, na Palestina, na América Latina e em África.” (Lousada, 2007, p.27).

Fazendo uma breve consideração nesta fase, da evolução histórica das ações, ou seja, desde o Ku Klux Klan até à ETA ou às “*Brigate Rosse*”, passando pelas correntes anarquistas de Bakunin, resultam aspetos que põem em perspetiva aquilo que realmente se entende por este terrorismo, ação terrorista e grupo terrorista. Sendo o terrorismo uma técnica, uma tática, a sua ação em si refere-se à aplicação dessa forma peculiar de violência, que causa terror, medo na população, nos governos ou nas sociedades civis. Raymond Aron, na sua conceptualização datada de 1962, refere que “é dita terrorista uma ação de violência cujos efeitos psicológicos estão fora de proporção com os resultados puramente físicos” (Martins, 2010, p.11), realçando a importância de diferenciar e definir o terrorismo, não pela focalização nos agentes ou objetivos, mas somente pela natureza do ato em si, que visa potenciar deliberadamente o efeito psicológico obtido a partir da violência.

Depois da 2ª G.M. vários países ganharam a sua independência à custa, em parte, destes movimentos empregues contra potências colonizadoras, entre os quais já referenciámos o Magrebe pela sua importância nesta investigação. É como consequência destes movimentos que surge o termo “*freedom fighters*”, traduzido livremente como “*lutadores pela liberdade*”, fomentando a eterna questão “*one man's terrorist is another man's freedom fighter*”<sup>28</sup>. Recorrendo nesta fase a algumas definições datadas da década de 70, começamos por referir a do *British Prevention of Terrorism Act* de 1974, declarando relativamente ao termo, “uso da violência para fins políticos, e inclui qualquer uso da violência com a finalidade de transmitir medo ao público ou a qualquer sector público” (Laqueur, 1987, p. 145).<sup>29</sup> Diversas questões podem ser levantadas com esta afirmação,

---

<sup>27</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>28</sup> Para uns, terroristas, para outros, lutadores pela liberdade – tradução livre.

<sup>29</sup> N.A.: Tradução livre.

nomeadamente no que respeita à violência, que apesar de ser um termo vago, e poder ser objetivado, engloba inúmeras formas de violência<sup>30</sup>. Por acréscimo, também quanto ao que se entende por medo, desta feita sendo algo subjetivo. Este contexto de “lutadores pela liberdade” atribuído ao conceito foi-se desvanecendo ao longo das décadas subsequentes à 2ª G.M., à medida que outro ia ressurgindo a partir dos já mencionados grupos/seitas fundamentalistas do início do primeiro Milénio, o do extremismo religioso como característica da maioria dos ataques perpetrados no final do séc. XX, que conseqüentemente veio reformular e talvez desorganizar por acréscimo o já confuso quadro conceptual existente.

O ataque do *Japanese Red Army* no aeroporto Lida em Israel em 1972 (atualmente Aeroporto Internacional Ben Gurion), contratados pela Frente Popular de Libertação da Palestina, onde vinte e seis pessoas foram assassinadas indiscriminadamente como retaliação pela morte de dois sequestradores que tentaram tomar de assalto um avião no mesmo aeroporto<sup>31</sup>, leva-nos quase imediatamente a afirmar que o conceito evoluiu em termos do carácter indiscriminado das ações, em termos de alvos e meios (Rogeyro, 2003) alcançando uma dimensão superior àquela iniciada pelos terroristas irlandeses. Morris e Hoe, em 1988, descreviam o primeiro fator que se deve ter em conta ao definir este fenómeno, como sendo o da violência do ato. “O terrorismo é a ameaça ou uso de extrema violência para fins políticos”<sup>32</sup> (Morris and Hoe, 1988, p.25).

Nesta época, e de acordo com os mesmos autores, complementando o primeiro, três fatores são intrínsecos quando se define este fenómeno, a origem da violência (a causa), a audiência e a vítima, culminando na perceção de que a propaganda dessa violência contra a vítima faz dela não apenas um acessório, mas também um símbolo de uma causa. Os *media* constituíram assim, desde essa fase, o principal motor de disseminação de informação, criando enorme publicidade internacional, e alimentando o medo como necessidade inerente para o seu objetivo último, a coercividade (Morris and Hoe, 1988).

Ao observarmos a evolução de acontecimentos até à data, é notado o carácter político como finalidade das ações terroristas, apontado desde a Revolução Francesa, sejam elas de carácter nacionalista, revolucionário ou religioso, sendo importante o apontamento de

---

<sup>30</sup> Foi referido pelo mesmo autor que inúmeras formas de violência e atos podem ser englobados nesta definição, como, por ex., os motins, revoltas, golpes de Estado, mesmo que estes não criem o sentimento de medo como descrito nesta definição.

<sup>31</sup> Cfr. [http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/may/29/newsid\\_2542000/2542263.stm](http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/may/29/newsid_2542000/2542263.stm), disponível em 21 de abril de 2014, às 18h45m.

<sup>32</sup> N.A.: Tradução livre.

Lemos Pires à data de 1984, que salientava que “o que distingue o ato terrorista de muitos crimes é apenas a finalidade com que foi cometido – mas a todos é comum uma grande agressividade” (Pires, 1984, p.119-120) denotando também que na evolução deste método, houve um aumento patente da indiscriminação, insensibilidade, crueldade e desprezo pela vida humana (Pires, 1984). Por sua vez, Martha Crenshaw, relativamente aos objetivos políticos patentes desta técnica, acrescenta “O terrorismo também é frequentemente concebido para lançar a confusão e o descrédito dos processos do governo, enfraquecendo-o em termos administrativos e prejudicando a normalidade operacional”<sup>33</sup> (Crenshaw, 1981, p.386). O entendimento acerca desta técnica, reitera-se, foi-se alterando de acordo com a Era a que diz respeito ao recordarmos as primeiras ações terroristas revolucionárias russas e irlandesas no virar do séc. XIX, cujas vítimas eram maioritariamente discriminadas como sendo identidades políticas.

Este referido ressurgimento da vaga de ataques de cariz religioso poder-se-á atribuir a dois principais fatores, alvos principais desta investigação, a Revolução Iraniana de 1979, que conjuntamente com a luta contra a invasão do Afeganistão pela União Soviética provocou ao longo da sua duração uma afluência de combatentes de todos os territórios muçulmanos (Jacquard, 2001), e, conseqüentemente, no término da guerra, ao voltar aos seus territórios, o desejo de iniciar operações de cariz terrorista contra os seus próprios governos, na tentativa de criar outro estado islâmico (Madeira, 2005). A introdução da religião fez com que a maioria dos quadros conceptuais assentes em contextos revolucionários ou nacionalistas passassem a contemplar também um cariz extremista religioso, pela simples razão de transcender o habitual e previsível limite dos Estados (Madeira, 2005).

Ao referir o nível conceptual desta altura, a evolução do conceito, no seio das várias organizações internacionais, antes de 2001 (e falamos neste caso dos EUA), é assente na sua maioria em aspetos legais das ações terroristas, o que dificulta a sua aceitação a nível internacional (Laqueur, 1987). A partir dos anos sessenta, a expressão “*uso ilegítimo da violência*”<sup>34</sup> era e é comum em várias definições adotadas pelos ramos governamentais dos EUA<sup>35</sup> (definições apresentadas posteriormente). Em 1983, o *Department of Defense* introduz também o termo “organização revolucionária”<sup>36</sup>, em conjunto com o termo “não

---

<sup>33</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>34</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>35</sup> Sendo esses ramos o *US State department*, o *US department of State*, o *FBI* e o *US Department of Justice* (Laqueur, 1987, p.144).

<sup>36</sup> N.A.: Tradução livre.

combatentes”<sup>37</sup> pelo Department of State, alargando o seu conceito de forma pouco objetiva com novos termos controversos, uma vez que, ao especificar o tipo de organização e o seu alvo, outras formas de terrorismo e ações ficam a descoberto da lei (quer esta seja nacional ou internacional) (Laqueur, 1987). A acrescentar, em 1986 é adotada por uma *task-force* de combate ao terrorismo, liderada pelo então vice-presidente George W. H. Bush, a seguinte, “o uso ilegítimo ou ameaça de violência contra pessoas com vista a reforçar os objetivos políticos ou sociais. Normalmente destina-se a intimidar ou coagir um governo, indivíduos ou grupos, ou a modificar o seu comportamento ou a sua política” (Laqueur, 1987, p. 144)<sup>38</sup>.

Situávamo-nos nesta altura num novo entendimento sobre esta técnica. E segundo Hoffman (2006), esta metade da década de 80 elucidou-nos acerca da crescente tendência de operações patrocinadas por estados mais fracos contra os EUA. Estados como o Iraque<sup>39</sup>, Líbia, Irão e Sudão patrocinavam essas operações (*terrorismo patrocinado pelo Estado*)<sup>40</sup> na lógica de poderem confrontar potências mais poderosas, sem que estas pudessem retaliar da mesma forma.

Eric Morris e Alan Hoe complementam também, no seu estudo “*Terrorism: Threat and Response*” de 1988, com a consideração de que o terrorista do séc. XIX era identificado como um indivíduo que recorria à violência contra o Estado, adotando-se na sua ação a conotação revolucionária, aceite tanto pelas vítimas como pelo sujeito perpetrante. Hoje em dia, porém, estes são “*guerrilheiros, lutadores pela liberdade, fedayeen*<sup>41</sup>, *mas nunca terroristas*” (Morris and Hoe, 1988, p. 22)<sup>42</sup>, este último sendo descrito como usando a técnica para atacar a sociedade em geral, num espectro de violência politicamente motivado que envolve *skyjacking*<sup>43</sup>, ataques bombistas indiscriminados, assassinatos, raptos e destruição material (Morris and Hoe, 1988). Ademais, no começo da década de 90, o mesmo fenómeno começa a ser entendido como sendo uma ameaça à estabilidade de Estados por

---

<sup>37</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>38</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>39</sup> Formalmente retirado em 2004 pelos EUA da lista de países apoiantes do terrorismo (FBI, 2005).

<sup>40</sup> N.A.: Tradução livre. Países que, segundo o FBI, violam a lei internacional ao utilizar terrorismo como ferramenta de política externa. Lembramos um dos ataques que exemplifica esta ação. “A 21 de dezembro de 1988, dá-se o atentado à bomba do voo da Pan Am 103 em pleno voo sobre Lockerbie, na Escócia. O atentado matou todos os 259 passageiros a bordo do Boeing 747 e 11 pessoas em terra. Em novembro de 1991, após uma investigação exaustiva levada a cabo pelo FBI e outras autoridades policiais dos E.U.A. e estrangeiras, um júri de acusação norte-americano acusou dois agentes de informação líbios do crime.” – tradução livre (FBI, 2005, p.38).

<sup>41</sup> “*Fedayeen*” – Aquele que se sacrifica por causa. Uma tradução literal poderia ser “Mártir”. Conforme: [http://www.oxforddictionaries.com/us/definition/american\\_english/fedayeen](http://www.oxforddictionaries.com/us/definition/american_english/fedayeen), disponível em 3 de junho de 2014, às 19h50m.

<sup>42</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>43</sup> Uma tradução literal poderia ser “desvio aéreo”



intervenientes não estatais e por processos e organizações não-governamentais, sendo a violência descrita como afetando regiões e áreas urbanas cujo governo legítimo se transformou em poderes criminosos (Hoffman, 2006). Apesar desta sua evolução, o terrorismo dos anos 90 compreende ainda motivações por descolonização que foram proeminentes na década de 60/70, como se pode verificar tanto no Médio Oriente como na região de Caxemira (Young, 2006).

Concluindo esta nova transformação do entendimento, aponta-se um aumento na escala de alcance das suas ações, as quais contavam com o patrocínio de Estados cuja capacidade de confrontação direta com potências mundiais era uma possibilidade desvantajosa para a prossecução e propaganda da sua causa. Enfatizamos também a ideia de que nas décadas de 80 e início de 90, se denotou uma diminuição da pretensão dos estados referidos supra verem o seu nome associado às práticas violentas, sendo igualmente de notar, ao contrário da nova vaga religiosa mais recente, que as tradicionais organizações, irlandesa e basca, procuravam constantemente a resolução dos seus conflitos através de negociações com os seus próprios governos (Laqueur, 2003, p.28).

Porém, já nas décadas mencionadas, a sociedade internacional começa a dar crescente importância à ameaça do carácter religioso das ações terroristas, o qual viria a ser nos anos seguintes a principal preocupação no seu entendimento. “Surgiu um novo fator que em poucos anos se tornou, de todos, no mais importante no mapa do terrorismo internacional: o terrorismo islâmico”<sup>44</sup> (Laqueur, 2003, p.28), que embora já se verificasse desde sempre, tomou conta do cenário internacional como sendo a proeminente faceta desta técnica. Posto isto, e recordando a investigação presente, a análise das raízes do terrorismo islâmico apresenta-se como essencial para se obterem resultados quanto ao cerne desta investigação, a importância da finalidade no entendimento de terrorismo na época e períodos delimitados.

No virar do milénio, em 1999, Walter Laqueur providencia uma forma de definição, “Como vimos, o terrorismo tem sido definido de diferentes formas, e pouco se pode dizer sobre o mesmo com certezas, salvo que é o uso da violência por um grupo para fins políticos, normalmente direcionado contra um governo, mas por vezes também contra outros grupos étnicos, classe, raça, religião ou movimento político.”<sup>45</sup> Contudo, no seguimento desta, afirma igualmente que “Qualquer tentativa para ser mais específico será votada ao fracasso,

---

<sup>44</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>45</sup> N.A.: Tradução livre.

pela simples razão de que não existe um, mas sim muitos terrorismos diferentes.”<sup>46</sup> (Laqueur, 1999, p.46).

Por sua vez, e depois da ênfase atribuída ao carácter político do quadro conceptual, simultaneamente em 1999, Jessica Stern definiu terrorismo como “um ato de violência ou ameaça de violência contra não combatentes com o objetivo de uma vingança rigorosa, intimidar ou influenciar um público-alvo”<sup>47</sup> (Stern, 1999, p. 11). Esta não limita a definição quanto aos atores ou objetivos, e pela sua análise, o fator político não é considerado como essencial à sua definição.

Ao alcançarmos o estudo do final do séc. XX, apresentamos algumas ilações acerca das divergências que este fenómeno abarcou ao nível conceptual. Importa novamente referir o carácter subjetivo que essas geram, contudo, tendo sempre presente um fator intrínseco ao fenómeno, “aquilo que parece resultar da análise não é a diferença de efeitos procurados, é sim apenas a diferença de titulares da acção, e de diferentes objectivos, mas sempre a submissão ao terror.” (Moreira, 2004, p.124), referindo o sempre presente carácter político das mesmas, mas pondo também em evidência mudança de motivações crescentemente motivadas pela religião. “Dos onze grupos terroristas internacionais identificados pela RAND Corporation em 1968, nenhum foi classificado como sendo de motivação religiosa. Em 1994, um terço dos quarenta e nove grupos internacionais identificados foram classificados como sendo religiosos”<sup>48</sup> (Stern, 1999, p. 7).

Por outro lado, outra tendência marca países como a Colômbia ou a Bolívia, “o terrorismo aqui não encontra a sua legitimidade num objetivo político, mas apenas defende interesses económicos ilegais, nomeadamente ligados à produção e ao tráfico de droga” (Leandro, 2004, p.329). Pondo em perspetiva esta evolução, podemos apontar um século de ações terroristas como significantes evoluções conceptuais, das quais o *martírio dos inocentes* de Adriano Moreira constituiu a transição que viria a alterar até hoje a dinâmica mundial do terrorismo, especialmente depois do aumento da violência indiscriminada desde os anos 70 do séc. XX, por terroristas cujas vítimas não possuíam uma óbvia ligação com a sua causa (Stern, 1999).

Depois dos ataques de 11 de setembro de 2001, porém, como Martins (2010) refere, a novidade apresentada ao mundo de uma organização terrorista capaz de chocar milhões de pessoas em direto, no coração da maior potência mundial, exigiu uma reestruturação total da

---

<sup>46</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>47</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>48</sup> N.A.: Tradução livre.

pesquisa e combate ao fenómeno, o qual exigiu uma alteração na concepção do terrorismo considerado com alcance e efeitos limitados, para a “concepção do terrorismo potencialmente ilimitado” (Ribeiro, 2005, p.124). É nestes pontos que o entendimento sobre o terrorismo é posto em evidência. Foram criadas e alteradas definições e legislações<sup>49</sup> no seio das Nações Unidas, nos EUA, no Reino Unido e outros, cujos elementos contantes dessas legislações, por vezes serviam a organização para a qual tinham sido criadas (Setty, 2011, Hoffman, 2006).

Neste seguimento, o termo é entendido de forma diferente consoante países, entidades ou organizações. A partir de 2001, segundo a *comunidade das agências de informação* dos EUA<sup>50</sup>, incluindo o *US State Department*, considera-se terrorismo, “violência premeditada, com motivações políticas perpetrada contra alvos não combatentes por grupos subnacionais<sup>51</sup> ou agentes clandestinos”<sup>5253</sup>. Esta definição arrasta consigo critérios de igual importância<sup>54</sup>.

O *Department of Defense* dos EUA (2010, p.255), por sua vez, entende terrorismo como “O uso ilegítimo de violência ou ameaça de violência, muitas vezes motivada por crenças religiosas, políticas ou ideológicas, para instilar medo e coagir os governos ou sociedades para a prossecução de objetivos que, normalmente, são políticos”<sup>55</sup>. Segundo Hoffman, novamente, apenas a dimensão psicológica do terror do ato é posto fora da definição dada pela comunidade de informações.

---

<sup>49</sup> Pode ler-se, segundo Laqueur (2003), “The search for a definition received fresh impetus after the events of September 2001 when new legislation was introduced in many western countries” (Laqueur, 2003, p.234). Além deste contributo, Setty (2011, p.2) no seu artigo “What’s In A Name? How Nations Define Terrorism Ten Years After 9/11” afirma, “torna-se óbvio que as definições de terrorismo segundo as várias leis internas foram adaptadas de um contexto legislativo para outro e a sua aplicação foi alargada, sobretudo desde setembro de 2011” – tradução livre.

<sup>50</sup> N.A.: Em inglês, *intelligence community*. A *intelligence community* é constituída por todos os serviços de informação dos E.U.A, como se lê em <http://www.intelligence.gov/mission/member-agencies.html>, disponível em 12 de abril de 2014, às 15h30m

<sup>51</sup> *Subnational* – Termo entendido por nós como agentes pertencentes a uma nação ou Estado.

<sup>52</sup> Conforme se lê em <http://www.state.gov/documents/organization/65464.pdf>, disponível em 2 de março de 2014 às 13h16m.

<sup>53</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>54</sup> Ao definir terrorismo, a comunidade de informações Norte Americana adota também as seguintes, como presente no *Title 22 of the US Code, Section 2656f(d)*: “O termo “terrorismo internacional” significa o terrorismo que envolve to território ou os cidadãos de mais do que um país. O termo “grupo terrorista” significa qualquer grupo que pratique, ou tenha um número significativo de subgrupos que pratiquem, terrorismo internacional.”- tradução livre. Disponível em <http://www.cia.gov/news-information/cia-the-war-on-terrorism/terrorism-faqs.html>, em 2 de março de 2014 às 13h16m.

<sup>55</sup> N.A.: Tradução livre.

A RAND Corporation<sup>56</sup> define Terrorismo baseando-se na natureza do ato, não pela identidade do autor ou a natureza da causa. Inclui elementos fundamentais na sua definição, entre os quais se contam a violência ou ameaça de violência, a intenção calculada de criar medo, a intenção de coagir, o motivo político, o alvo civil, e finalmente se se trata de um grupo ou indivíduo.

Por sua vez, o Reino Unido assenta a sua definição no “*Terrorism Act 2000*”, que, revisto em 2006<sup>57</sup>, aponta para “O uso ou ameaça de ação cujo objetivo é influenciar o governo ou uma organização internacional governamental, ou intimidar o público, ou um sector do público; feito com o propósito de fazer progredir uma causa religiosa, racial ou ideológica; e envolve ou provoca: violência grave contra uma pessoa; graves danos materiais; uma ameaça à vida de uma pessoa; um risco grave para a saúde e segurança do público; ou interferência grave com ou perturbações num sistema eletrónico.”<sup>58</sup> Esta definição, além de incluir alvos, a componente psicológica, a ação violenta e o fator político, religioso, racial, ou ideológico, engloba também a mais recente técnica, a eletrónica, uma ameaça constante do séc. XXI, no que toca ao ciberterrorismo (Ramalho, 2005).

No que toca a definições no seio da Organização das Nações Unidas (ONU) ou da União Europeia (UE), a ONU adotou em 2004 a seguinte, “atos criminosos, incluindo contra civis, cometidos com a intenção de causar a morte ou danos físicos graves, ou tomada de reféns, com o objetivo de provocar um estado de terror no público em geral, ou num grupo de pessoas, ou em pessoas em particular, intimidar a população ou forçar um governo ou uma organização internacional a fazer ou deixar de fazer qualquer ação que constitua uma ofensa no âmbito de e conforme definido nas convenções e protocolos internacionais relacionados com o terrorismo, não podem, em caso algum, ser justificados por considerações de natureza política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou outra semelhante”<sup>59</sup>.

<sup>56</sup> Informação detalhada pode ser consultada em: <http://www.rand.org/nsrd/projects/terrorism-incidents/about/definitions.html>, disponível em 23 de março, às 18h51m.

<sup>57</sup> A alteração consistiu em acrescentar ao termo “*government*”, a expressão “*or an international governmental organisation*”. A alteração pode ser consultada em <http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2006/11/section/34>, disponível em 24 de abril de 2014, às 12h45m.

<sup>58</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>59</sup> N.A.: Tradução livre. Definição adotada no United Nations Security Council Resolution 1566 em 2004. Além desta, também em 2004, acrescenta-se: “any action, in addition to actions already specified by the existing conventions on aspects of terrorism, the Geneva Conventions and Security Council resolution 1566 (2004), that is intended to cause death or serious bodily harm to civilians or non-combatants, when the purpose of such an act, by its nature or context, is to intimidate a population, or to compel a Government or an international organization to do or to abstain from doing any act”, conforme: <http://www.un.org/News/dh/infocus/terrorism/sg%20high-level%20panel%20report-terrorism.htm>, disponível em 23 de Abril de 2014, às 18h50m.

Por sua vez, a EU (2002, p.4) considera terrorismo, “um ato que, dada a sua natureza ou o seu contexto, possa causar sérios danos a um país ou a uma organização internacional quando cometido com o intuito de: intimidar gravemente uma população, ou obrigar indevidamente autoridades públicas ou uma organização internacional a praticar ou abster-se de praticar qualquer ato, ou destabilizar gravemente ou destruir as estruturas políticas, constitucionais, económicas ou sociais fundamentais de um país ou de uma organização internacional”<sup>60</sup>. Esta estabelece definições sintéticas e precisas, satisfazendo os requisitos legais de segurança que a UE, e os seus Estados-Membros, salientando também Portugal, devem seguir (Dumitriu, 2004). No seio da NATO, acrescentando, é definido como “O uso ilegítimo ou a ameaça de uso da força ou violência contra indivíduos ou bens na tentativa de coagir ou intimidar governos ou sociedades a atingir objetivos políticos, religiosos ou ideológicos”<sup>61</sup>.

Contudo, Laqueur (2001, p.7) afirma “Não existe nenhuma definição de terrorismo que possa abranger todas as variedades de terrorismo que surgiram ao longo da história”<sup>62</sup>.

Finalizando esta abordagem evolutiva, Hoffman (2006) conclui depois de estudar, analisar e distinguir terrorismo de outras formas de crime e formas de guerra irregulares, apresentando-nos a noção de que os alvos e motivos são, de facto, políticos, o uso da violência (ou igualmente importante, a ameaça de violência) está inerente, os efeitos psicológicos vão muito para além dos efeitos físicos imediatos, existe uma organização identificada como sendo hierarquizada, ou composta por indivíduos (ou um conjunto de indivíduos) diretamente influenciados ou motivados por uma ideologia ou líder, e finalmente perpetrada por um grupo subnacional ou entidade não-estatal. A sua própria tentativa de definição apresenta-se como, “A criação e exploração deliberadas do medo através da violência ou ameaça de violência na prossecução de alterações políticas”.<sup>63</sup> Esta definição

---

<sup>60</sup> N.A.: Tradução livre. A definição da UE inclui uma lista de (a) a (i) com aquilo que se considera uma ação terrorista. Ver Anexo C - Definição de Terrorismo da União Europeia.

<sup>61</sup> N.A.: Tradução livre. Conforme: [http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_69482.htm?selectedLocale=en](http://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_69482.htm?selectedLocale=en), disponível em 14 de junho de 2014, às 22h40.

<sup>62</sup> N.A.: tradução livre.

<sup>63</sup> N.A.: tradução livre. Diz ainda acerca da sua definição: “Todos os atos terroristas envolvem violência ou a ameaça de violência. O objetivo do terrorismo, por natureza, é produzir efeitos psicológicos de longo alcance além da(s) vítima(s) ou do objeto do ataque terrorista. A sua finalidade é a de instilar o medo interno e, assim, intimidar um público-alvo mais vasto, que pode incluir grupos étnicos ou religiosos rivais, todo um país, um governo nacional ou partido político, ou a opinião pública em geral. O objetivo do terrorismo, por natureza, é criar poder onde este não exista, ou fortalecer o poder onde este seja escasso. Através da publicidade gerada pela sua violência, os terroristas procuram obter a alavancagem, a influência e o poder de que não possuem para realizar mudanças políticas a nível local ou internacional.” (Hoffman, 2006, p.41) – tradução livre.

não faz referência a alvos “inocentes” ou “não combatentes”, pela consideração do autor de que o alvo pressupõe a intimidação de uma maior audiência do que a vítima imediata.

### 3.5 Síntese Conclusiva

Relativamente a todo o período referido neste capítulo, pode concluir-se que desde o início do terrorismo, este não é uma filosofia ou movimento, mas sim um método (Wilkinson, 2011), técnica ou tática (Borges, 2009), cujos efeitos, maioritariamente políticos, desejados pelas ações terroristas em contraste com os seus efeitos físicos e publicidade, foram sem dúvida, menores (Laqueur, 2003). Contudo, este método evoluiu significativamente desde o começo da sua designação, notando-se que o fator político teve sempre um fator permanente, ou seja, a luta de um grupo contra o poder de um Estado, que considerado terrorismo pelo poder dominante, é assumido como um ato legítimo de luta pelos opositores (Leandro, 2004). Por outro lado, este método de coação foi também adotado por alguns Estados para lidar com opositores internos.

A questão dos inocentes, aqueles que tomam a designação de alvos do terror, na prossecução dos objetivos terroristas, são o objeto da violência intentada e desde cedo foram utilizados para quebrar a resistência do seu inimigo, quer sejam a sociedade ou Estados, através da tentativa dessa quebra de confiança dos seus cidadãos na capacidade de proteção e segurança que lhes está inerente (Moreira, 2004).

No que toca ao terrorismo de carácter religioso islâmico, este veio desenvolver-se de forma crescente nos últimos trinta anos, principalmente depois da invasão do Afeganistão pela URSS e da Revolução Iraniana, apresentando-se como uma ameaça, que pelas suas características mais notórias, i.e., recorrendo a ideologias fundamentalistas religiosas, que têm carácter subjetivo, é desprovida de valores e leis seculares, que visa a destruição e substituição do atual sistema social ocidental. Pela sua importância neste estudo, este carácter religioso islâmico não se tem vindo a introduzir em conceitos de terrorismo internacionais (os apresentados anteriormente), mas contribuiu para que as finalidades de cariz religioso fossem referenciadas.

Deste modo, e seguindo a perspectiva de Pires (1984), a finalidade das ações, no delinear conceptual deste método, é na nossa opinião o fator mais relevante, pois importa não apenas delimitar quais as ações que se consideram terroristas, e os seus efeitos, mas o

fim a que se destinam, para que qualquer nova evolução na tática, alvos, ou objetivos dos perpetradores esteja, no fim, abarcada pela finalidade.

De forma conclusiva, e cingindo-nos ao espaço geográfico e temporal adotados, apresentamos para esta investigação o conceito de terrorismo avançado por Mário Lemos Pires, citado por Pires (2012): “Uso sistemático de ações violentas ou sua ameaça para provocar o terror contra entidades, instituições, comunidades ou governos, com objetivos políticos, realizado por grupos ou organizações, agindo na clandestinidade”.

Estão presentes nesta definição os seguintes elementos: o uso ou ameaça de uso de violência; o alvo civil, institucional ou governamental; o objetivo político e a dimensão psicológica que é o terror. Quanto à finalidade, quer seja a alteração para um regime teocrático islâmico, a substituição de regime, a independência ou a anarquia, esta terá sempre caráter político.

## Capítulo 4

### O Islamismo Radical e a sua presença no Magrebe desde 1979

#### 4.1 Prolegómenos

Tendo o início do séc. XXI, nomeadamente o seu segundo ano, sido marcado por ataques terroristas, importa, num panorama cada vez mais abrangente de interpretações acerca do Islão, escrutinar aquilo que se entende ser crucial para a compreensão e desmistificação de uma técnica, que, pensada religiosa, assume de forma crescente um carácter radical.

Desta forma, iremos ao longo deste capítulo, refletir acerca das reais consequências desta radicalização, incluindo numa primeira abordagem as origens da mesma, de acordo com um quadro conceptual de referência, sendo estas seguidas de uma análise à sua presença no Magrebe a partir de 1979, que irá incluir os grupos terroristas mais proeminentes na região.

#### 4.2 Introduzindo o Magrebe Islâmico

Geralmente identificado como a parte ocidental do Norte de África, a região do Magrebe provém do vocábulo árabe “*Al-Maghrib*” que significa “lugar onde o sol se põe”, resultante do facto de se constituir como a parte mais ocidental, na altura<sup>64</sup>, conhecida do território islâmico. Opõe-se à região do *Mashrek*, ou Maxerreque<sup>65</sup>, respeitante à parte mais oriental (nascente) do mundo islâmico, materializado atualmente no extremo oriental pelo Iémen. Este território é culturalmente composto por populações com raízes Árabes e

---

<sup>64</sup> Tendo sido comerciantes fenícios a instalar-se em diversas colónias pela costa mediterrânica, nomeadamente Trípoli, Tunes, Argel, Tânger e Larache, foi apenas durante a primeira dinastia de califas do profeta Maomé (661 – 750 d.C.) que os árabes chegaram ao Magrebe (Leal, 2010, p.56).

<sup>65</sup> Os termos foram consultados conforme: <http://dre.pt/pdf2sdip/2011/11/224000000/4609046090.pdf>, disponível em 24 de maio de 2014, às 19h40m.



Berberes<sup>66</sup>. Para esta investigação, iremos considerar como países pertencentes ao Magrebe, Marrocos (anexo ao Sara Ocidental), a Argélia, e a Tunísia, conforme Leal (2010).

### 4.3 As origens do fundamentalismo islâmico como premissa do Islamismo Radical

Começando por introduzir o fundamentalismo<sup>67</sup> islâmico, segundo Laqueur (2003), aponta-se o Egito como sendo a origem dos movimentos revivalistas<sup>68</sup> fundamentalistas Islâmicos<sup>69</sup>, através do Salafismo<sup>70</sup>. Este opõe-se a qualquer reforma religiosa, apesar de ser considerado em si uma reinterpretação do Islão que “tal como as outras religiões (e talvez ainda mais) estavam envoltas em escuridão e incerteza.”<sup>71</sup> (Laqueur, 2003, p.30).

Relativamente aos meios condutores deste fundamentalismo, a criação da Irmandade Muçulmana<sup>72</sup> em 1928, que adveio da oposição às ações de secularização do Estado da Turquia, pelo seu líder Mustafa Kemal Atatürk, contribuiu significativamente para a dispersão destes movimentos (Laqueur, 2003, Leal, 2010), que se expandiram “nas últimas oito décadas, por todos os países do Médio Oriente” (Rogeyro, 2011, p.210). Hassan al Banna, fundador desta organização, cujo principal propósito seria o da propaganda religiosa de um Islão puro, e da presença em todos os sítios onde era suposto defender-se o Islão contra os infieis (Rogeyro, 2011), criou em finais dos anos trinta um braço militar desta organização, cuja missão seria a de assassinar inimigos da Irmandade com o aval de um *Mufti*<sup>73</sup> próprio, recorrendo à compra e roubo de armas. Segundo o próprio, o Islão seria

---

<sup>66</sup> Os povos berberes são originários do Norte de África. Foram enriquecendo a sua cultura com diversos povos nas suas trocas comerciais. Quando os árabes iniciaram as suas expedições pelo Norte de Africa, conquistando Trípoli no séc. VIII, alguns desses povos converteram-se ao Islão. A maioria da população berbere ainda se encontra na Argélia e Marrocos (Leal, 2010, p.232).

<sup>67</sup> O fundamentalismo deriva de um movimento do conservadorismo protestante norte-americano, sendo toda e qualquer pessoa que “procura travar uma luta encarnçada em prol dos fundamentos da sua fé” (Costa, 2001, p.17).

<sup>68</sup> Termo adotado na obra de Hélder Santos Costa (2001), “O Revivalismo Islâmico”.

<sup>69</sup> Costa (2001) escreve, citando Akhtar e Sakr (1982), “O fundamentalismo islâmico envolve o esforço para fazer regressar os muçulmanos ao caminho do Islão, o que suscita uma onda afirmativa de sentimento islâmico que penetra em todo o mundo islâmico, esgrimindo os princípios islâmicos fundamentais para a satisfação das necessidades e dos desafios da época contemporânea” (Costa, 2001, p.17).

<sup>70</sup> Salafismo refere-se ao termo *Salafî*, atribuído ao Islão originário, praticado por aqueles que viveram nos primeiros séculos depois de Moamé. Em termos religiosos significa oposição a reformas religiosas e à purificação do Islão de influências exteriores (Laqueur, 2003).

<sup>71</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>72</sup> Fundada em 1928 na cidade de Ismailya, Egito (Laqueur, 2003).

<sup>73</sup> *Mufti* – Entidade ou académico capaz de interpretar os textos corânicos, assim como emitir pareceres acerca de questões jurídicas (as *fatwas*). Conforme <http://www.thefreedictionary.com/mufti> e <http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/mufti>, disponível em 2 de junho de 2014, às 17h56m.

tanto uma religião como um Estado, na qual o Corão<sup>74</sup> e a espada eram inseparáveis e cuja disseminação iria trazer calma e paz mundial (Laqueur, 2003).

Sayyid Qutb<sup>75</sup>, por sua vez, que apesar de não ter possuído qualquer formação teológica, foi o incitador fundamental ao radicalismo islâmico<sup>76</sup>, aderiu à Irmandade depois de passar dois anos nos EUA. em 1948-50, emergiu no seio da organização como um dos líderes mais influentes e radicais, cuja ideologia assentava no Islão ser a única verdadeira religião, estando o mundo dividido entre aqueles que viviam de acordo com a *Sharia*<sup>77</sup> e aqueles que não se regiam por esta, afirmando inclusive, “todos os muçulmanos têm o dever de participar na guerra santa (*jihad*) a fim de estabelecer a Lei da *Sharia* não apenas no Egito, mas em todo o mundo”<sup>78</sup> (Wilkinson, 2011, p.41).

Enquanto preso do governo de Gamal Abdel Nasser<sup>79</sup>, escreveu diversos volumes das suas interpretações do Corão, somando mais de 30 volumes no total. Segundo a sua principal obra, *Milestones*<sup>80</sup>, além de qualquer indivíduo não de acordo com a sua visão religiosa ser apelidado de infiel ou impuro (*takfir*<sup>81</sup>), todos os Estados Muçulmanos e os seus líderes não são por ele considerados puros, mas pagãos, sendo a guerra até à sua destruição a única opção possível (Laqueur, 2003). Este pensamento foi condenado pelos membros mais antigos da organização, transmitindo, no entanto, a sua mensagem a camadas mais jovens da sociedade, descontentes com a situação precária de desemprego, levando à sua integração nos apoiantes radicais do mundo islâmico, sendo os seus escritos, todavia, desconhecidos pela maioria (Laqueur, 2003, p.34), mas servindo de exemplo para os fundadores da Al-Qaeda, Abdallah Azzam e Osama Bin Laden (Wilkinson, 2011, p.41).

---

<sup>74</sup> O Corão, ou Al-Corão, corresponde ao livro sagrado da religião islâmica, como a Bíblia corresponde à religião cristã. Está estruturada segundo *suras* (capítulos) segundo uma ordem não cronológica, mas temática. Os versos terão sido revelados a Maomé durante um período de 23 anos, e estes não se encontram no Corão segundo uma ordem cronológica, sendo a sua interpretação literal difícil de realizar (Gonçalves, 2010, p.138).

<sup>75</sup> Sayyid Qutb (1906 – 1966) foi um ativista político e radical muçulmano que serviu de inspiração para a criação da Irmandade Muçulmana (Laqueur, 2003, p. 33).

<sup>76</sup> O radicalismo islâmico consiste na atividade de militantes em prol do fundamentalismo (Costa, 2001). Concretizando, o radicalismo islâmico põe em prática as ideologias fundamentalistas.

<sup>77</sup> Surgindo como necessidade de existirem diretivas para guiar a *Umma* (a comunidade de países muçulmanos) depois da morte do profeta Maomé e da expansão do Islão para outros povos, a *Sharia* (ou lei Islâmica) constituiu-se como um código jurídico feita por várias escolas de jurisprudência, no qual a fonte primária é o Corão (Leal, 2010, p.219)

<sup>78</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>79</sup> Gamal Abdel Nasser (1918 – 1970) foi presidente do Egito desde 1954 até à sua morte. Foi responsável, tanto pela prisão e exílio de centenas de militantes da Irmandade Muçulmana, que tentavam derrubar o governo, como pelo enforcamento de Sayyid Qutb, depois de diversas tentativas de homicídio (Laqueur, 2003, p.34).

<sup>80</sup> A obra escrita por Sayyid Qutb acerca das suas visões corânicas, enquanto prisioneiro de Nasser. Milhares, se não milhões de cópias, foram vendidas no mundo muçulmano depois da sua morte (Laqueur, 2003, p.34)

<sup>81</sup> O termo refere-se à excomunhão de muçulmanos não crentes.

Verificamos nesta fase que a propaganda de Qutb toma o seu relevante papel na manipulação, “Ele foi sem dúvida a maior influência, no que se refere aos terroristas muçulmanos no mundo árabe e no Norte de África”<sup>82</sup> (Laqueur, 2003, p.34).

Deixando, nesta fase, transparecer a noção da procura pelo monopólio da legitimidade interpretativa, estes grupos radicais islâmicos salafistas apregoam, na procura de apoiantes de um Islão puro, que uma interpretação literal do Corão é a única via possível para entender a palavra de Deus e que quaisquer desvios a ela, e conseqüentemente à própria interpretação destes grupos, são vistos como *bidá* (inovação), logo proibidos (Gonçalves, 2010; Torres, 2004).

Apesar de o fenómeno do fundamentalismo religioso (cristianismo, judaísmo, e demais) não ser novo, e da crença de que o Corão e Alá<sup>83</sup> são os únicos símbolos pelos quais qualquer muçulmano se deve reger, o que sobressai neste é a presunção dos “Salafitas de que eram o Islão, e não apenas uma de muitas fações” (Laqueur, 2003, p.31), e cujo Estado e sociedade devem obedecer aos princípios da *Sharia*<sup>84</sup>, ao revés da lei secular<sup>85</sup>. Este objetivo, apenas é atingível por estes grupos, mais provavelmente através da violência e do terrorismo Global (Moreira, 2004), que na argumentação divina de muitos sacerdotes radicais, adotam o martírio pela “*jihad*”<sup>86</sup> contra um inimigo mais poderoso, garantindo o seu lugar no paraíso (Martins, 2010).

Relativamente ao Corão, e contrapondo os princípios fundamentalistas, que utiliza ainda a manipulação de citações redutoras corânicas, numa exaltação pretensiosa de fazer cumprir e estender interpretações unilaterais da *jihad* como veículo de reconquista e dominação de territórios não islâmicos (Torres, 2004), não existe neste “uma estrutura narrativa lógica e estruturada” (Gonçalves, 2010, p.138). A sua interpretação literal não é passível de ser considerada legítima por estes grupos, dado nunca ter sido autorizada a sua codificação num livro, por serem revelações dinâmicas (temporais) e não estáticas (perpetuadas), tendo inclusive existido várias versões do Corão (Gonçalves, 2010). Nas suas investigações acerca da *Sharia* como sistema totalizante, Gonçalves (2010) e Leal (2010)

---

<sup>82</sup> N.A.: Tradução livre.

<sup>83</sup> Genericamente, Alá significa “Deus”, em Árabe.

<sup>84</sup> Surgindo como necessidade de existirem diretivas para guiar a *Umma* (a comunidade de países muçulmanos) depois da morte do profeta Maomé e da expansão do Islão para outros povos, a *Sharia* (ou lei islâmica) constitui-se como um código jurídico feita por várias escolas de jurisprudência, no qual a fonte primária é o Corão (Leal, 2010)

<sup>85</sup> A lei secular consiste na independência jurídica em relação à religião.

<sup>86</sup> “*Jihad* significa literalmente “preservar” e é uma abreviação de um outro termo mais longo que significa “preservar no caminho de Deus”. O conceito de *jihad* abrange todas as atividades que visam defender o Islamismo ou promover a sua causa.” (Leal, 2010).

revelam que a mesma designa o direito islâmico defendido por diversas escolas de jurisprudência, suportado em quatro fontes: o Corão, as tradições do profeta (*suna/hadith*), a *ijima* (consenso e tradição popular) e por fim as *Quiyyas* (interpretação por analogia). O islamismo radical considera, porém, apenas as duas primeiras como as únicas fontes puras de direito.

#### 4.4 O islamismo radical como consequência do fundamentalismo islâmico

“Ao contrário do que sustenta a ideologia do Islamismo Radical, o Estado Islâmico que em língua árabe se designa por *al-Dawla al-islamiyya*, não é citado no Corão, nem nas *ahadith*<sup>87</sup>, como forma ideal de governo, sucedendo a mesma situação com o califado<sup>88</sup>.” (Gonçalves, 2010, p.156).

Ao introduzir este subcapítulo, e antes de entrar na definição de “islamismo radical”, teremos que apontar a sua génese. Como tal, iremos adotar o já abordado fundamentalismo Islâmico como impulsionador do carácter radical do Islamismo. Iremos apontar o início do ressurgimento de movimentos fundamentalistas a partir de 1979, cuja representação pela Revolução Iraniana deixou de simbolizar apenas uma ideologia quando instaurou no Irão uma República Islâmica dirigida pelos sacerdotes xiitas (*aiatolas*), baseados em princípios fundamentalistas e depôs um principal aliado<sup>89</sup> dos EUA no Golfo Pérsico<sup>90</sup>.

Através da concretização deste acontecimento, foi possível ao *Ayatollah Ruhollah Khomeini* apelar à exportação da sua revolução por todo o mundo, constituindo o primeiro marco no prevalecer do fundamentalismo islâmico, inspirando, conseqüentemente, o radicalismo islâmico em grupos ou indivíduos que por isso acreditaram conseguir igualmente depor os seus regimes muçulmanos pró-ocidentais, nomeadamente, e como exemplo, o Líbano a partir de 1980 e a Argélia a partir de 1993 e (Wilkinson, 2011) e a estender a “interpretação fundamentalista da lei islâmica associada ao Irão, a outros países” (Hoffman, 2006, p.89). Além disto, o apelo à “guerra santa” pelos fundamentalistas

---

<sup>87</sup> As *ahadith* dizem respeito aos relatos de vida de Maomé, os seus feitos e aquilo que sancionou (Gonçalves 2010).

<sup>88</sup> A união da lei política e religiosa do Islão (Laqueur, 2003).

<sup>89</sup> O Xá do Irão procurou uma relação militar com os E.U.A. depois da 2ª G.M devido ao seu desejo de supremacia militar na região, a par da sua desconfiança relativamente aos Soviéticos. Conforme: <http://nationalinterest.org/commentary/how-the-shah-entangled-america-8821>, disponível em 4 de junho de 2014, às 18h55m.

<sup>90</sup> O Golfo pérsico pode ser consultado em detalhe no Anexo D – O Golfo Pérsico.

potenciou o aumento de grupos radicais islâmicos criados também depois de regressarem aos seus países de origem no término da invasão soviética do Afeganistão, estimulando “o desenvolvimento do radicalismo islâmico que aperfeiçoou e espalhou a sua poderosa “ideologia” não só no mundo Árabe, mas também, entre as comunidades islâmicas imigradas nos países ocidentais” (Bravo e Dias, 2004, p.140) em prol da criação de outros regimes teocráticos islâmicos (Martins, 2010). Como algumas das suas características, apontam-se a recusa de separação entre política e religião, cujos atores aparentemente políticos mas materializados em grupos ou movimentos com orientações e metas maioritariamente religiosas e sociais concretizam o seu objetivo ideal no Estado Islâmico regido pela *Sharia*, com a apropriação dos textos corânicos como guia das suas políticas (Fernandes, 2007).

Estes elementos foram essenciais no carácter radical do islamismo, servindo como exemplo à comunidade muçulmana, que foi exortada a reavivar os ensinamentos do Corão e a resistir à intrusão do ocidente como influência externa (Hoffman, 2006), que se encontram a abalar as suas convicções religiosas através de medidas políticas que procuram modernizar e secularizar a sociedade (Costa, 2001) desde o início do séc. XX com a presença colonial Francesa desde 1830 (colonização da Argélia) (Leal, 2010). Esse caminho de secularização, mais orientado para a separação do poder político e da religião, foi sustentado e publicado ainda no início do séc. XX por Ali Abderraziq<sup>91</sup>, num importante trabalho teórico observado por Moreira (2002), “o califado é uma instituição temporal, e o islão, uma missão e não um poder, pelo que se impunha a separação entre a religião e o Estado” (Moreira, 2002, p.498).

Partindo do anterior, iremos então adotar o entendimento de Islamismo Radical de acordo com Gonçalves (2010), como sendo uma “ideologia política que recorrendo a justificações religiosas como manifesto político e usando a linguagem marxista, procura implementar através da *Dawa*<sup>92</sup> (missionação) ou da *jihad*, um Estado Islâmico que é totalitário, visando manter o Islão como centro de poder, no qual a *Sharia* será aplicada” (Gonçalves, 2010, p.137). Este radicalismo tem em vista, como já referido, um regresso ao Islão fundamentalista e a esperança do retorno a um Califado (rompido com a queda do Império Otomano no final da 1ª G.M), ambos entendidos como a resposta aos problemas

---

<sup>91</sup> Ali Abderraziq (1888 – 1966) foi um académico, jurista e ministro Egípcio que argumentava e defendia a separação da religião e da política. Conforme: [http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e8?\\_hi=0&\\_pos=16](http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e8?_hi=0&_pos=16), disponível em 2 de junho de 2014, às 19h10m.

<sup>92</sup> Relativamente ao termo “*Dawa*”, este significa “missionação”, um dos caminhos para a implementação do Estado Islâmico. A par desta, mas de forma mais violenta, temos a *jihad*, que apesar de não contemplar obrigatoriamente a violência, é praticada pelos grupos radicais (Gonçalves, 2010, p.137).

padecentes do Islão atual (Gonçalves, 2010), contrapondo-se, contudo, à noção de que é um fenómeno “que, longe de se confinar a um problema religioso, é indissociável dos problemas aos níveis económico, social e político, ocorridos ao longo do fracasso do processo de desenvolvimento de grande parte dos países árabes” (Bravo e Dias, 2004, p.141).

Por sua vez, desde a queda do muro de Berlim, coincidente com a derrota da URSS no Afeganistão, o crescimento do terrorismo de motivação religiosa propagou-se como “uma forma de autodefesa face à tentativa de entrada de valores seculares estrangeiros ou de valores laicos na sua sociedade, ou em resultado de uma intervenção estrangeira, por parte do ocidente, que é vista como colonialista” (Fernandes, 2011, p.33) pelos grupos religiosos radicais de matriz islâmica. Relativamente aos países do Magrebe, este caso acentua-se devido ao seu predominante passado colonialista. Apenas depois da segunda metade do século XX estes se tornaram independentes<sup>93</sup> (Leal, 2010), tendo restado, contudo, o sentimento anticolonialista e antiocidental supracitado, denotando-se de forma consequente, nos grupos radicais islâmicos, a característica comum de desejo de expulsão ocidental, pelo ataque a ocidentais nos seus territórios, a substituição dos governos atuais por repúblicas islâmicas, assim como a criação (exemplo a Al-Qaeda) de um novo califado (Wilkinson, 2011).

#### **4.5 Organizações terroristas no Magrebe Islâmico desde 1979.**

Apesar da AQMI (Al-Qaeda no Magrebe Islâmico) ou AQIM (sigla inglesa) ser a atual grande organização terrorista presente, como o nome indica, no Magrebe Islâmico, outras foram bastante proeminentes nesse território desde 1979.

Começando a análise de Marrocos, o facto do regime do rei Hussein II (primeiro Rei de Marrocos depois da independência da França, que reinou entre 1961 e 1999) aplicar um regime monárquico legitimado com base divina, a preservação da lei islâmica está inerente ao sistema político. Daí a implantação de organizações terroristas no território não ser predominante, existindo, porém, focos de radicalismo associados ao fundamentalismo da FIS (Frente Islâmica de Salvação ou *Front Islamique du Salut*) Argelina por intermédio do seu braço armado, o EIS (Exército Islâmico de Salvação, ou AIS, *Armé Islamique du Salut*) (Ventura, 1996, p. 99).

---

<sup>93</sup> Marrocos e Tunísia em 1956 e Argélia em 1962 (Leal, 2010).

Relativamente à Tunísia, o seu regime foi marcado nos últimos trinta anos por um firme combate ao integrismo<sup>94</sup> islâmico, resultante no exílio dos movimentos radicais mais representativos, a FIT (Frente Islâmica Tunisina) e o grupo *An-Nadha*, nos anos noventa, para a Argélia, Sudão e Afeganistão. O resultado é a quase inexistência de ataques neste país<sup>95</sup> (Ventura, 1996).

O panorama altera-se quando se discute a Argélia. Desde 1990 (com a vitória da FIS nas eleições municipais que lhe deram controlo de metade do território), a expansão do radicalismo islâmico acentuou-se, levando a que na posterior vitória clara da FIS nas eleições legislativas antecipadas de 1991, estas fossem anuladas pelo regime, a oposição islâmica foi expulsa, tendo como consequência a iniciação pelo grupo mais proeminente, o Grupo Islâmico Armado (GIA)<sup>96</sup> e pelo EIS (Exército Islâmico de Salvação), de uma campanha contra estrangeiros, exigindo a sua expatriação (Leal, 2010). Além destes, o *Groupe Salafiste pour la Prédication et le Combat* (GSPC) foi-se iniciando com dissidentes do GIA (que são contra ataques a alvos civis, e que criou posteriormente no GIA o seu enfraquecimento devido ao massacre de população argelina), tendo sido criado em 1998 (Larémont, 2011).

A estratégia aplicada por estes radicais desenvolveu-se em duas fases. Inicialmente desferidos contra alvos domésticos (governo, forças policiais e militares), o facto de a exigência de expatriação não ter sido cumprida levou a que os ataques fossem sendo complementados contra cidadãos e interesses estrangeiros (Ventura, 1996, p. 106), incluindo em 1995, no metro de Paris, devido ao apoio do governo francês ao regime argelino (Laqueur, 1999). A campanha do EIS terminou em 1997 com um cessar-fogo bilateral<sup>97</sup>. Por sua vez, o GIA apenas terminou a sua campanha terrorista em 2005, altura em que o seu líder foi preso pelas autoridades, estas declarando que o grupo estava praticamente extinto (Leal, 2010).

---

<sup>94</sup> Em termos religiosos, corresponde à atitude ou movimento de defesa dos princípios religiosos tradicionais e ortodoxos sem admitir qualquer evolução ou mudança; fundamentalismo. Conforme: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/integrismo>, disponível em 3 de junho de 2014, às 13h15m.

<sup>95</sup> O primeiro ataque desde há dez anos registou-se em 31 de outubro de 2013, na cidade turística de Sousse, a 140 quilómetros a sul de Tunis, onde um homem se fez explodir numa praia deserta. Os detalhes poderão ser consultados em <http://pt.euronews.com/2013/10/31/depois-de-ataque-suicida-autoridades-da-tunisia-detiveram-6-suspeitos-de-/>, disponível em 28 de maio de 2014, às 23h25m.

<sup>96</sup> Laqueur (1999) e Larémont (2011) referem que o GIA era constituído por umas centenas de veteranos da guerra do Afeganistão contra a União Soviética.

<sup>97</sup> A informação pode ser consultada em: <http://www.nytimes.com/1999/06/07/world/algerian-islamic-militant-group-calls-an-end-to-armed-struggle.html>, disponível em 28 de maio de 2014, às 23h50m.

Por sua vez, o GSPC associou-se oficialmente à Al-Qaeda em janeiro de 2007<sup>98</sup>, formando a atual AQMI já referida, que expandiu a sua ação para todo o território do Magrebe (Chivvis e Liepman, 2013), e declarou a intenção de atacar alvos ocidentais, primariamente relativos ao setor energético. Estes alvos incluíram colunas de veículos com estrangeiros trabalhadores do setor energético, escritórios da ONU, utilizando *dispositivos explosivos improvisados* (IED's), raptos, *rockets*, e outros<sup>99</sup>, sendo o caso mais recente e maior, a tomada de reféns no campo de gás *In Amenas* na Argélia<sup>100</sup>.

#### 4.6 Síntese Conclusiva

“Para muitos, o fundamentalismo muçulmano está a tornar-se rapidamente a principal ameaça contra a paz global e a segurança, substituindo a ameaça comunista desaparecida após a implosão da União Soviética.” (Boniface, 2003, p.32). Encerramos este capítulo apresentando as ilações fundamentais à sua compreensão. É da nossa perceção que o carácter radical do islamismo foi espoletado por alguns acontecimentos marcantes do séc. XX.

O fundamentalismo islâmico foi na opinião de diversos autores referenciados ao longo deste capítulo, iniciado com a fundação da Irmandade Muçulmana no Egipto em 1928. Igualmente, esse fundamentalismo foi aplicado, ao longo das campanhas anticoloniais nos países Magrebinos e principalmente da guerra no Afeganistão, através de grupos radicais islâmicos, que ao regressarem da guerra se fundaram, iniciando várias campanhas para derrotar os regimes dos seus países que não se regiam pela lei islâmica, e consequentemente não eram Estados Islâmicos.

Por sua vez, o papel da revolução no Irão em 1979 que derrubou o Xá Reza Pahlavi e instaurou uma República Islâmica abriu um precedente e foi exortado para que outros realizassem aquele tipo de ação nos demais países muçulmanos. Todas estas campanhas têm como finalidade, segundo se apurou nesta investigação, através de ações terroristas pelos

---

<sup>98</sup> “Em Setembro de 2006, o líder do Grupo Salafista para a predicação e o Combate, Abu Musab Abdul Wadud, explicou que a Al-Qaeda “é a única organização qualificada para reunir os mujahideen.” Subsequentemente adotando o nome de “Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI)” (Hoffman e Bergen, 2010, p.11) – tradução livre.

<sup>99</sup> Alguns aspetos gerais da organização AQMI podem ser consultados em: <http://www.ncte.gov/site/groups/aqim.html>, disponível em 29 de abril de 2014, às 22h50m.

<sup>100</sup> Detalhes podem ser consultados em <http://www.theguardian.com/world/interactive/2013/jan/25/algeria-hostage-crisis-full-story>, disponível em 30 de abril de 2014, às 01h40m.



grupos descritos ao longo do capítulo, a expulsão da presença ocidental e estrangeira dos territórios do Islão, que segundo esses mesmos grupos, se constituem como “infiéis”, e como tal devem abandoná-los. Antes de finalizarmos, os ataques terroristas por parte de radicais islâmicos têm outra finalidade que apenas alguns defendem – a criação de um califado que englobe todos os territórios que outrora pertenceram ao Islão, desde o Al-Andalus, à Indonésia.

Finalmente, a noção de que os ataques suicidas que se têm multiplicado, principalmente depois do 11/9, provando que a iniciativa do mártir é glorificada, torna conseqüente o recurso a ações terroristas, potenciais ou efetivas, uma ameaça imprevisível. Contudo, “O Islão está tão próximo do terrorismo como a luz está das trevas, ou a vida está da morte, ou a paz está da guerra. Claro que existem pontos de contacto, mas de direções diametralmente opostas”<sup>101</sup> (Ahmad, 1990, p.104).

---

<sup>101</sup> N.A.: Tradução livre.

## Capítulo 5

### A Presença Estrangeira e o Terrorismo no Magrebe desde 1979

#### 5.1 Prolegómenos

Sendo o Magrebe um dos territórios mais ricos em hidrocarbonetos de quem a Europa depende para satisfazer, principalmente, as suas necessidades energéticas, julgamos de extrema importância neste estudo e neste capítulo, fazer uma relação entre a presença estrangeira na economia do Magrebe, e a existência de terrorismo na região, procurando verificar se existe uma relação entre a finalidade desse método praticado naquele território e a tipologia dos seus alvos.

Desta forma, iremos ao longo deste capítulo refletir acerca da presença estrangeira no Magrebe, apresentando o principal papel que esta representa na dinâmica comercial da região, assim como verificar a sua influência na finalidade do terrorismo praticado naquele território desde 1979.

#### 5.2 A importância da relação comercial Europa-Magrebe

Iniciando esta abordagem numa perspectiva abrangente das relações Europa-Magrebe, entendem-se como “bem conhecidas as carências da UE em energia e a medida em que condicionam fortemente o sistema de relações políticas e estratégicas dos países da EU” (Couto, 2009, p.48). Estreitando essa perspectiva, e nessas relações, a região do Magrebe, já descrita por nós anteriormente, assume um papel crucial ao discutir a dinâmica comercial energética europeia. Mais especificamente, importa compreender desde cedo a relação histórica entre os países do Magrebe e a Europa, tendo Portugal permanecido politicamente em Marrocos entre os anos 1415 e 1769<sup>102</sup> (Farinha, 1999), dado que o Norte de África e a

---

<sup>102</sup> Em 1415, com a conquista de Ceuta, Portugal iniciou a sua implementação no território, “que visava a afirmação da dinastia de Avis, e consolidar a independência portuguesa no contexto peninsular e criar um espaço de valorização económica e social aos Portugueses” (Farinha, 1999, p.3). Em 1769, depois de três

bacia do mediterrâneo “sempre constituíram uma área de interesse estratégico por razões de segurança e defesa, em termos militares, económicos e religiosos” (Leal, 2010, p.59), sendo a França aquele país que com o ganho de posições vantajosas na projeção para a Argélia (1830), Marrocos (1875) e Tunísia (1881), obteve até à sua independência, “o consequente controlo do Magrebe.” (Dias, 2009, p.184).

Neste seguimento, a abundância de recursos naturais presentes na margem sul do Mediterrâneo chamou desde logo à atenção de alguns países europeus<sup>103</sup>, que necessitavam destes para o seu desenvolvimento (Sousa, 2011). Vários elementos<sup>104</sup> suportam ainda que o conjunto dos países nesta região é responsável pelo abastecimento de um quarto das necessidades energéticas da Europa, sendo também, de acordo com o BP Statistical Review of World Energy (2014), responsável, respetivamente, por 3,9% e 14,9% de todas as exportações de petróleo e gás natural globais, constituindo uma reserva de 2,4% de todo o gás natural mundial. Mais concretamente, a Argélia exporta para a Europa 88% de todo o gás natural produzido pelo país, através de *pipelines*<sup>105</sup> “que estruturam relações de interdependência com a Europa” (Matias, 2009, p.444), e o Norte de África (neste caso, Argélia e Tunísia<sup>106</sup>) cerca de 68% de todo o petróleo que produz (BP, 2014b)<sup>107</sup>.

Esta relação energética que os países do Magrebe mantêm diariamente com a Europa, representa uma importância acrescida quando se observa a crise energética entre a Rússia e a Ucrânia. Sendo um importante fornecedor energético da Europa, existe alguma dependência no que toca ao abastecimento de hidrocarbonetos, o que requer preocupações quanto ao que se passa na geoeconomia<sup>108</sup> deste espaço, nomeadamente quanto à situação

---

séculos de permanente clima de guerra, o Marquês de Pombal ordenou a saída da última praça, Mazagão. (Farinha, 1999).

<sup>103</sup> Concretizando, e segundo a EIA (2013), os países que mais hidrocarbonetos importam do Magrebe são: Itália, Espanha, França, Portugal, Holanda, Alemanha, Reino Unido, Grécia, Eslovénia e Islândia. Para mais informação detalhada, consultar:

[http://atlas.media.mit.edu/explore/tree\\_map/hs/export/dza/show/2711/2011/](http://atlas.media.mit.edu/explore/tree_map/hs/export/dza/show/2711/2011/), disponível em 2 de julho de 2014, às 23h20m.

<sup>104</sup> Dias (2009), Sousa (2011), Leal (2010).

<sup>105</sup> Para visualizar o mapa de abastecimentos por *pipelines* no Magrebe, consultar o Anexo E – Rede de *Pipelines* no Norte de África, onde se observam seus destinos.

<sup>106</sup> Dos países Magrebinos apresentados, estes diferem uns dos outros no que respeita à energia, particularmente, no tipo de energia e na disponibilidade dos recursos oriundos dos hidrocarbonetos. Sendo a Argélia o principal país no que toca à concentração de reservas de hidrocarbonetos, segue-se a Tunísia, e Marrocos, cujas reservas são deficitárias, mas que constitui uma importante rota de trânsito desses produtos para a Espanha e Portugal (Duarte e Fernandes, 2011)

<sup>107</sup> Para visualização concreta de todos os dados, consultar o Anexo F – A Relação Energética com a Europa.

<sup>108</sup> Consideramos Geoeconomia de acordo com Dias (2010): “Com a finalidade de identificar e aferir a influência dos factores do espaço na economia, a geoeconomia encontra campo de estudo nas relações entre o próprio espaço e as actividades económicas” (Dias, 2010, p.65), neste caso, no campo dos hidrocarbonetos.

securitária destes<sup>109</sup> (Dias, 2009, p.189). Além disso, a reciprocidade destas relações surgem ao verificarmos que se para a Europa, esta representa recursos necessários ao seu desenvolvimento, para os países Magrebinos significa receitas para fugir ao subdesenvolvimento (Sousa, 2011). Devido ao seu déficit de recursos tecnológicos, o Magrebe “necessita dos cidadãos europeus e do seu poder de compra, no sentido de potencializar as suas capacidades turísticas, aumentando assim os seus *incomes* financeiros” (Dias, 2009, p.217)

A importância destas relações envolve algumas preocupações, nomeadamente a ainda existência de grandes focos potenciadores de instabilidade na região, como sendo a alta taxa de desemprego jovem<sup>110</sup>, aliada à elevada população jovem, mas mais concretamente “ao fenómeno terrorista, principalmente de inspiração radical islâmica, e a sua projeção ou transferência para outros espaços, onde se inclui o Europeu” (Dias, 2009, p.190).

Esta técnica, aliada à expansão fundamentalista no interior dos estados Magrebinos pode representar perigosidade para o Sul da Europa, pela possibilidade de importação, tanto dos conflitos étnico-religiosos, como do radicalismo, para comunidades imigrantes (Sousa, 2011), cujas consequências colocam em causa o normal abastecimento e desenvolvimento da Europa. Importa acrescentar a referência presente no CEDN (2013) às relações com o Norte de África: assume-se como uma região essencial para a projeção externa da EU, valorizando, além da sua proximidade, as suas reservas energéticas, requerendo, não só aprofundar e estabelecer parcerias bilaterais com estes, dado o seu interesse estratégico relevante, como acautelar acerca das tendências extremistas na região.

Numa perspetiva económica, Christine Lagarde exortou em 2013 à abertura dos países do Magrebe ao mundo, com especial predominância na abertura ao comércio e investimento estrangeiro. Além da óbvia referência à vantagem dos seus recursos energéticos, a proximidade, tanto à Europa como ao Médio Oriente, foi referenciada igualmente<sup>111</sup>. Finalizando, depois da denominada “Primavera Árabe”, “Há motivos para estarmos cautelosamente esperançosos, não havia como negar que a região está no início de

---

<sup>109</sup> Estas preocupações enumeram-se, para além das assimetrias recorrentes da existência de recursos energéticos, os movimentos migratórios de Sul para Norte, a criminalidade organizada e o tráfico de droga (Dias, 2009) que se assume como das principais fontes de financiamento de redes terroristas no Magrebe (Celso, 2008).

<sup>110</sup> Nestes países, a população menor que 30 anos correspondia em 2012 a cerca de 70% (UN, 2012) com a taxa de desemprego jovem a ascender aos 19% nos países Magrebinos em estudo (ILO, 2013).

<sup>111</sup> O discurso proferido por Christine Lagarde pode ser consultado em: <http://www.imf.org/external/np/speeches/2013/010913.htm>, disponível em 22 de junho de 2014, às 17h40m.

uma fase de mudança duradoura e incerta”<sup>112</sup> (CSIS, 2013). Desta forma, “deverá ser dada especial atenção à celebração de acordos comerciais e políticos de nova geração entre a UE e os países da “Primavera Árabe” mais interessados e reformadores” (CEDN, 2013, p.13).

### **5.3 A liberalização do mercado energético no Magrebe como influência para ataques terroristas na região.**

A liberalização do mercado no Magrebe constitui um dos passos fundamentais para o correto diálogo e relações entre países, tanto nos países do Mediterrâneo (MED) como a nível global, e como região “A África tornar-se-á num fornecedor cada vez mais importante.” (BP, 2014a)<sup>113</sup>. Contudo, essa liberalização sempre foi e irá continuar a ser alvo de oposição por parte de fundamentalistas que, através de radicais islâmicos, irão sistematicamente atentar contra a presença estrangeira em terras do Islão<sup>114</sup> (reiterando o estudo feito nos anteriores capítulos), embora vários chefes de Estado dos países do Magrebe terem conseguido, desde o final (1989) da guerra no Afeganistão, controlar essas correntes opositoras extremistas<sup>115</sup>, preservando a laicidade do Estado e mantendo relações normais com o mundo ocidental (Couto, 2009).

Relativamente aos países do Magrebe considerados nesta investigação, diversas medidas de liberalização foram adotados por estes, incluindo-se a presença estrangeira, fomentadora da oposição acima referida.

---

<sup>112</sup> N.A.: Tradução livre

<sup>113</sup> N.A.: Tradução livre. O BP Energy Outlook 2035 pode ser consultado em: [http://www.bp.com/content/dam/bp/pdf/Energy-economics/Energy-Outlook/BP\\_World\\_Energy\\_Outlook\\_booklet\\_2035.pdf](http://www.bp.com/content/dam/bp/pdf/Energy-economics/Energy-Outlook/BP_World_Energy_Outlook_booklet_2035.pdf), disponível em 10 de junho de 2014, às 19h50m.

<sup>114</sup> Num artigo escrito em 1996, e publicado num jornal em Inglaterra em 1998, uma declaração assinada por Bin Laden e outros líderes islâmicos radicais apresentava o seguinte texto como apelo ao mundo muçulmano: “Matar os americanos e os seus aliados, tanto civis como militares, é o dever individual de cada muçulmano apto, em todos os países onde isso é possível, até que as mesquitas de Aqsa e de Haram sejam libertadas do seu jugo, e até que os seus exércitos, despedaçados e de asas cortadas abandonem todas as terras do Islão, incapazes de ameaçar os muçulmanos” (Bessa, 2006, p.4)

<sup>115</sup> Como exemplo, lembramos a anulação das eleições legislativas argelinas de 1991, na qual a FIS, tendo sido eleita, foi de seguida perseguida e os seus líderes presos ou exilados pelo governo apoiado nos militares.

### 5.3.1 Argélia

A Argélia está classificada como a 4ª maior economia árabe (Millennium BCP, 2013). O setor dos hidrocarbonetos representa, como vimos, um considerável papel na economia da Argélia, um dos principais produtores e exportadores mundiais nesta matéria<sup>116</sup> e “os protagonistas, tanto o famoso “complexo gaso-militar” como os opositores islâmicos esmeram-se em proteger esse rendimento.” (Boniface, 2003, p.88). Para além do setor dos hidrocarbonetos, a Argélia é dos maiores produtores mundiais de ferro, cimento, azeite e dos maiores criadores de gado ovino do mundo (Dias, 2009, p.196).

Em matéria de Investimento Direto Estrangeiro (IDE), apenas depois de 1996 foi significativo<sup>117</sup>. Por isto, o investimento exterior, com produtores estrangeiros<sup>118</sup> deste setor e outros<sup>119</sup> a estabelecerem numerosos acordos e parcerias<sup>120</sup>, não apenas com a empresa estatal, Sonatrach<sup>121</sup>, mas também com o Estado, têm vindo a aumentar até hoje<sup>122</sup>, incluindo-se a intervenção pelo FMI em 1989 e 1995, o acordo para a criação de uma zona de comércio livre entre o Estado argelino e a UE (assinado em 2002) e a privatização e venda de empresas públicas no setor da energia, telecomunicações, água e construção (Leal, 2010).

---

<sup>116</sup> Para a revisão de dados, lembramos os disponibilizados no subcapítulo 5.2 deste trabalho.

<sup>117</sup> Dada a criação, em 1995, da Agência Oficial de Promoção do Investimento, responsável por atrair investimento estrangeiro (AICEP, 2010a)

<sup>118</sup> Dos produtores estrangeiros no território, alguns que conseguiram direitos de exploração foram: “a Shell, a UAE-US joint venture Gulf Keystone, a BHP-Billiton, a BP, a Repsol, a Statoil e a Total” (Leal, 2010, p.198-199)

<sup>119</sup> “Os sectores que mais oportunidades oferecem aos investidores estrangeiros são a electricidade, o mineiro, os hidrocarbonetos e o gás.” (AICEP, 2010a, p.26)

<sup>120</sup> Além da “parceira da Sonatrach com a EDP através da compra de uma participação de 5% no capital da eléctrica portuguesa, garantindo como contrapartida fornecimentos de gás natural à empresa Portuguesa.” (Leal, 2010, p.204), a Argélia adotou em 2005 a lei (*loi n° 05-07 du 28 avril 2005 relative aux hydrocarbures, the ‘2005 Hydrocarbons Law’*) para aumentar a transparência no monopólio da Sonatrach, e tentando a liberalização de mercado, de modo a permitir mais investimento estrangeiro (FMI, 2014; MacDonald, 2011). Ademais, permite-se às empresas estrangeiras deter a totalidade do capital das mesmas (AICEP, 2013), exceto no setor dos hidrocarbonetos, em que 51% (mínimo) do capital é detido pela Sonatrach (FMI, 2014).

<sup>121</sup> A Forbes classifica a Sonatrach em 12º lugar no ranking mundial das 25 maiores empresas petrolíferas mundiais em 2007 (<http://www.forbes.com/sites/christopherhelman/2012/07/16/the-worlds-25-biggest-oil-companies/>, disponível em 18 de junho de 2014, às 18h38m) e que “com US\$2,4 bilhões de lucros, detém uma posição dominante na Argélia, já que assegura mais de 95% das receitas em divisas e 60% das receitas fiscais do Estado” (Leal, 2010, p.155).

<sup>122</sup> No contexto português, das que já mantêm um relacionamento comercial com o país, destacam-se “a Coba, Abrantina, Protelecom, Ferconsult, Efacec, Mota-Engil, Teixeira Duarte, Topecal, Amorim, Visabeira e Zagope” (Leal, 2010, p.204).

### 5.3.2 Marrocos

Marrocos constitui-se, devido à sua posição geográfica no que toca a rotas comerciais<sup>123</sup>, como um dos “polos hegemónicos da região” (Leal, 2010, p.59). A par disto, a monarquia<sup>124</sup> de Marrocos caracterizou-se nos últimos anos<sup>125</sup>, por uma maior abertura política<sup>126</sup> e liberalização económica (Esteves, 2011). Energeticamente, a importância de Marrocos<sup>127</sup>, que continuará a depender da rede de importação de gás proveniente da Argélia, através do gasoduto Europa-Magrebe<sup>128</sup>, traduz-se apenas na passagem pelo seu território do gasoduto para a Europa, responsável por 14% do abastecimento de gás da UE, sendo, contudo, o país com mais reservas mundiais de fosfatos<sup>129</sup> (BES, 2012), além de se destacar na produção de prata e zinco (Dias, 2009, p.197). Em 2010 era o país com maior volume de pescas em África (FAO). No âmbito petrolífero, em finais de 2005, “19 companhias petrolíferas<sup>130</sup> estrangeiras estavam a operar em Marrocos, com um investimento anual estimado em US\$56 milhões” (Leal, 2009, p.9)

O setor turístico<sup>131</sup> inclui-se, por sua vez, nos “principais motores de crescimento da economia marroquina” (AICEP, 2013, p.12). Paralelamente, o setor têxtil e do vestuário, das principais indústrias do país, incluindo o setor automóvel que alberga fábricas da Renault<sup>132</sup>, fazem notar a abertura ao mercado externo, dadas as necessidades de desenvolvimento económico, energético e industrial, sendo que do total do IDE, entre 2000 e 2010, a França,

<sup>123</sup> Segundo o AICEP (2013), Marrocos é um importante destino das exportações de Portugal, além de estarem já implementadas em território marroquino cerca de 200 empresas portuguesas. A UE por sua vez, absorve cerca de 70% das suas exportações, e a UE é responsável por 55% das importações (Leal, 2009).

<sup>124</sup> Mohamed VI é o atual Rei do Reino de Marrocos (designação oficial), herdeiro de Hassan II (1929 – 1999) (Esteves, 2011).

<sup>125</sup> Já a partir de 1990, com um endividamento massivo do país, houve a necessidade de privatizações e entrada de empresas estrangeiras em Marrocos, especialmente no setor dos serviços (Leal, 2009).

<sup>126</sup> Mais recentemente, em 2007, com as eleições legislativas, Mohamed VI prometeu aproximar o “o Marrocos “moderno” dos seus vizinhos ocidentais e dos seus aliados” (Leal, 2010, p.85), coincidindo estas com um acordo com os E.U.A. de USD \$700 milhões através da Millenium Challenge Corporation (MCC), como apoio a democracias emergentes (Leal, 2010).

<sup>127</sup> A par da Tunísia, Síria e Jordânia (MacDonald, 2010).

<sup>128</sup> Antigamente designado por Pedro Duran Farell Gasline (PDFG) (MacDonald, 2010).

<sup>129</sup> A exploração estrangeira deste tipo de recursos encontra-se restrita ao *Office Chérifien des Phosphates – OCP*, por serem considerados estratégicos para o país (AICEP, 2013), representando metade do rendimento nacional (Leal, 2010, p.186).

<sup>130</sup> Algumas empresas petrolíferas estrangeiras a operar no país, são a China Offshore Oil Corporation, a norueguesa Norsk Hydro, a dinamarquesa Maersk, incluindo a Petronas, Shell e Total (Leal, 2009).

<sup>131</sup> Neste setor (15% do IDE), onde esperam ascender a uma receita de USD \$16,6 milhões, o ambicioso projeto *Vision 2020* pretende colocar Marrocos nos 20 destinos mais visitados do mundo. O *Sapphire*, um conjunto de complexos turísticos na região de Rabat, dependente do IDE, e tendo como principais parceiros, neste caso, a Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos, materializa uma das etapas deste projeto (BES, 2012).

<sup>132</sup> A Renault destaca-se como produtora automóvel no país, “com uma quota de 94% em 2010, um total de 39498 veículos produzidos.” (BES, 2012, p.13)

a Espanha, os Emirados Árabes Unidos, a Suíça e o Reino Unido foram os maiores investidores no país (49,4%, 16,7%, 5,6%, 3,4% e 3,4%, respetivamente) (AICEP, 2013).

Apesar disto, considera-se necessária uma maior funcionalidade do mercado, em prol do aumento do IDE (FMI, 2014), já que não se destaca neste aspeto, ao nível global<sup>133</sup>.

### 5.3.3 Tunísia

Quando comparada com a Argélia, em termos energéticos, a Tunísia revela-se possuidora de menos recursos<sup>134</sup>, tendo necessidade de importar petróleo para seu próprio consumo, sendo que o seu principal papel a nível de recursos naturais centra-se no *Trans-Mediterranean pipeline*<sup>135</sup>. As suas políticas de aproximação à Europa permitiram um grande desenvolvimento a partir de 1993<sup>136</sup>, sendo apenas em 1996 que o setor energético se começou a fazer notar<sup>137</sup>. A par de Marrocos, a Tunísia destaca-se como um dos maiores produtores mundiais de fosfatos, sendo detidos na totalidade por empresas estatais (AICEP, 2010b), similarmente a Marrocos.

No que respeita ao investimento estrangeiro<sup>138</sup>, o setor têxtil<sup>139</sup> e de confeção, paralelamente ao energético<sup>140</sup>, eram os mais relevantes na Tunísia, sendo a quota estrangeira neste setor<sup>141</sup>, respetivamente, “as americanas (que dominam com 38% do

---

<sup>133</sup> Segundo dados de 2012 do *World Investment Report* (WIR) (2013) publicado pelo UNCTAD (2013), relativo aos fluxos de investimento direto estrangeiro (IDE) de Marrocos.

<sup>134</sup> Relativamente às reservas de petróleo, representa menos de 0,05% das reservas mundiais, sendo praticamente inexistentes as reservas de gás natural (relativamente às reservas mundiais) (BP, 2014b), não constituindo assim um carácter exportador significativo para a Europa (MacDonald, 2010).

<sup>135</sup> Este *pipeline* é denominado atualmente por Enrico Mattei Gasline (MacDonald, 2010).

<sup>136</sup> O “*Code d’Incitations aux Investissements*”, foi em 1993 o impulsionador do investimento estrangeiro no país.

<sup>137</sup> A empresa britânica “BG Group” foi responsável pelo incremento de produção tunisina depois de ter investido na sua produção de gás (Leal, 2009). Este campo produzia em 2010 cerca de 80% do gás da Tunísia (AICEP, 2010b). Contudo, a empresa tunisina “Entreprise Tunisiene d’Activités Pétrolières” (ETAP) tem direito a uma quota superior a 50% na exploração de qualquer nova descoberta de petróleo ou gás (Leal, 2009), muito semelhante às práticas da Sonatrach na Argélia.

<sup>138</sup> Apesar do IDE ter vindo a diminuir 30% por ano depois da revolução, o número de empresas de capital estrangeiro instaladas na Tunísia ascendia a 3.135 no final de 2010. (AICEP, 2010b), das quais o grupo Amorim, Secil e Nutrinvest representam a principal presença portuguesa.

<sup>139</sup> “A França, Itália, Alemanha, Bélgica e Holanda constituem os principais investidores estrangeiros no sector têxtil e da confeção” (AICEP, 2010b, p.10).

<sup>140</sup> O IDE europeu, segundo o WIR (2013), representou entre 2004-2008, USD \$9,1 mil milhões.

<sup>141</sup> Como exemplos de distribuidoras estrangeiras, exemplifica-se “a Shell (Holanda), ExxonMobil (EUA), Esso Tunísia (EUA), Pioneer Natural Resource Company (EUA), Total (França), Kuwait Foreign Petroleum Exploration Company (Kuwait), Croscos Integrated Drilling and Well Services (Croácia) e British Gas Tunísia (Reino Unido) (Leal, 2010, p.192).



mercado), as europeias (com 19%), as canadianas (com 12%) e as asiáticas (com 10%)” (Leal, 2010, p.192).

No setor turístico, a Tunísia diminui de 6,7 milhões de turistas em 2010, para 5,9 milhões em 2012, diminuição atribuída à revolução<sup>142</sup> de 2011. Menciona-se agora a Tunísia do ponto de vista económico, e relativamente aos outros deste estudo, assumindo-se como “o mais desenvolvido do Magrebe” (Dias, 2009, p.199).

Deste modo, os países Magrebinos têm vindo a ser representativos da necessidade de se garantir maior trocas comerciais com as fontes de hidrocarbonetos mais próximas da Europa, evitando “riscos de polarização das dependências, como está a acontecer na Europa Central, em relação aos fornecimentos russos” (Couto, 2009, p.48), acautelando a estabilidade do seu progresso e modernização, naquele que é um território estratégico de “confluência entre Ocidente (E.U.A.) e o Oriente (mundo Árabe)” (Esteves, 2011, p.11).

A informação relativa ao investimento estrangeiro desde 1979, juntamente com as suas políticas de modernização, aumentaram significativamente a presença comercial europeia no Magrebe, espoletando o terrorismo<sup>143</sup> na região, que, apontando a Argélia como o exemplo mais significativo, atentava contra estrangeiros, com a finalidade de afastar o seu investimento, e destabilizar, tanto a economia argelina, como o seu governo (Alexander, 2010, p.6).

#### **5.4 O estrangeiro como alvo de ataques terroristas no Magrebe desde 1979.**

“É importante recordar que o terrorismo é instrumental na forma de impor o medo” (Galito, 2013, p.14), de tal modo que, de acordo com o mesmo autor, importa igualmente recordar os principais alvos nos quais se procura incutir o medo: governos, nacionais, ou estrangeiros. A presença de empresas, turistas e individualidades estrangeiras em território Magrebino constitui-se como objeto da oposição radical islâmica, cuja recetividade à mudança e modernidade não se enquadra com as políticas liberais desse território (Madeira,

---

<sup>142</sup> Neste caso, o termo é adotado de acordo com Santos (2013) no artigo “Conflitos Na Era da Informação/As Revoltas Árabes”.

<sup>143</sup> No caso argelino, lembrando, a FIS e o GIA lançaram uma campanha desde 1992, atacando funcionários de governo, forças de segurança, instalações governamentais, instituições e entidades seculares e cidadãos estrangeiros (cujas dezenas de mortos franceses, russos, italianos, espanhóis e croatas são exemplo da intenção de selecionar esse tipo de alvo na sua campanha) (Alexander, 2010).

2005), havendo, contudo, necessidade de se conjugar o islamismo e a democracia política para a continuidade da relação Europa-Magrebe (Leal, 2013).

Isto leva-nos à problemática dessa relação ser afetada pelo fator problemático padecente do Magrebe, que é o terrorismo, e que faz do “Ocidente” o alvo indiviso (Moreira, 2010). Como já referenciado no anterior, os estrangeiros, desde o período da guerra do Afeganistão (1979-89) (Galito, 2012), têm sido alvos de ataques terroristas na região pelas organizações<sup>144</sup> que, incluindo a que “mais amplos efeitos estratégicos”<sup>145</sup> (Santos, 2013, p.3) obteve (referimo-nos à Al-Qaeda), se ocupam de “combater o imperialismo estrangeiro e treinar novos extremistas para expulsar os infiéis<sup>146</sup> dos seus países” (Galito, 2012, p.3).

Ao relembrarmos os dois acontecimentos – a revolução islâmica do Irão e a invasão e guerra do Afeganistão contra a União Soviética (1979-89) que “marcaram o aparecimento de uma nova onda de movimentos islamitas (...) que precipitaram a criação de mais de uma centena de movimentos islamitas contemporâneos” (Gunaratna, 2002, p.72), iremos analisar os dados mais significativos referentes aos ataques terroristas nos países do Magrebe<sup>147</sup>, desde 1979, procurando relacioná-los com a presença estrangeira<sup>148</sup> (discutida no subcapítulo anterior).

Iniciando a análise dos ataques perpetrados na Argélia<sup>149</sup><sup>150</sup>, é evidente a predominância deste país no que concerne ao número de ataques perpetrados contra estrangeiros, quer sejam raptos<sup>151</sup>, assassinatos ou bombistas. Os mais significativos

---

<sup>144</sup> As organizações a que nos referimos foram explanadas no subcapítulo 4.5 deste trabalho.

<sup>145</sup> O autor refere-se, neste caso, à capacidade de exercer “controlo político sobre território” (Santos, 2013, p.3).

<sup>146</sup> Dois dos principais líderes da Al Qaeda, Aiman Al Zawahiri e Bin Laden, antes de a organização assumir o mediatismo atual, preconizavam a necessidade dos crimes do “ocidente”, nomeadamente a exploração e massacres cometidos durante a colonização do Norte de África, serem vingados. Walter Laqueur (2003) escreve, segundo as ideologias dos sujeitos mencionados, que como dever, os muçulmanos devem “matar americanos e os seus aliados, quer sejam civis ou militares”, quer devido à desmoralização dos seus países pelas influências ocidentais, quer pela sua predominância económica, acrescentando que “as ideias e conceitos ocidentais deveriam ser decisivamente refutadas” (Laqueur, 2003, p.55).

<sup>147</sup> Ver Anexo G – Evolução dos Ataques Terroristas no Magrebe desde 1979.

<sup>148</sup> A influência ocidental, através dos seus nomes e marcas distintas em território Árabe, é apontada por Bergen e Hoffman (2010) como sendo um alvo preferencial dos grupos terroristas. Além do incitamento à morte de ocidentais pela Al-Qaeda, e aos raptos de turistas e trabalhadores por outros grupos afiliados, os alvos económicos e de negócios, como cadeias de hotéis, são alvos perenes de terroristas principalmente depois do 9/11.

<sup>149</sup> Galito (2013) aponta a Argélia como a base do poder da AQMI.

<sup>150</sup> Ver Anexo H – Evolução dos Ataques Terroristas na Argélia desde 1979, com o total de ataques perpetrados no país.

<sup>151</sup> No que toca ao rapto, é considerado terrorismo, dado o seu objetivo final ser político.

ocorreram em 1994<sup>152</sup>, com o assalto a um avião da *Air France* com 283 passageiros<sup>153</sup>, seguindo-se em 2003, do rapto de 32 viajantes europeus<sup>154</sup> (Alexander, 2011) e em 2007<sup>155</sup>, com a morte de três argelinos e de um russo num ataque a um autocarro que transportava trabalhadores russos de uma empresa de construção de gasodutos (Leal, 2010). Finalizando, o mais recente ataque contra estrangeiros teve lugar, como anteriormente mencionado, na tomada de reféns estrangeiros no campo de gás de *In Amenas* em 2012 (Chivvis e Liepman, 2013), que resultou na morte de 37 trabalhadores estrangeiros<sup>156</sup>.

Em Marrocos<sup>157</sup>, por sua vez, como principais ataques terroristas contra estrangeiros apontamos os ataques de Casablanca em 2003, onde catorze terroristas se fizeram explodir junto de diversos alvos, matando 43 pessoas (Rogeyro, 2011), dos quais quatro cidadãos espanhóis. Estes ataques terão sido direcionados contra interesses espanhóis, bem como contra o governo marroquino (Celso, 2008), e em Marraquexe, onde onze turistas morreram num ataque bombista (Rogeyro, 2011).

Na Tunísia<sup>158</sup>, o mais significativo ataque contra interesses estrangeiros terá sido em 2002, onde 19 pessoas morreram (11 turistas alemães) numa sinagoga em Djerba<sup>159</sup> (Leal, 2010).

Finalizando esta análise, o “fenómeno terrorista, principalmente de inspiração radical islâmica, e a sua projeção ou transferência para outros espaços, onde se inclui o Europeu” (Dias, 2009, p.190), é dos principais riscos associados ao Magrebe e relativamente à Europa, não se pretendendo repetições do 11 de março de 2004 (Madrid), ou do ataque no metropolitano londrino em julho de 2005.

---

<sup>152</sup> Por sua vez, em 1995, o GIA lançou uma campanha de atentados em Paris que fez um total de 8 mortos e mais de 180 feridos (Hoffman, 2006).

<sup>153</sup> Este ataque, perpetrado pelo GIA, visava, de modo semelhante ao ocorrido no 9/11, despenhar o avião na baixa parisiense (Hoffman, 2006).

<sup>154</sup> Em fevereiro de 2003, os raptados foram levados para o Mali, de onde foram, em maio, resgatados por forças argelinas que libertaram 17 reféns. Porém, os restantes 14 (um terá morrido) foram aparentemente libertados depois de pago um resgate (Alexander, 2010, p.17).

<sup>155</sup> Também em 2007, em Argel, 33 pessoas morreram e 200 ficaram feridas num ataque da AQMI. “Desde a guerra civil que opôs os islamitas rebeldes ao Exército, nos anos 90, que Argel não vivia uma escalada de violência tão grande” (Leal, 2010, p.105).

<sup>156</sup> Ver <http://www.bbc.com/news/world-africa-21056884>, disponível em 30 de abril de 2014, às 01h20m

<sup>157</sup> Ver Anexo I – Evolução dos ataques terroristas em Marrocos desde 1979, onde se observa a totalidade de ataques perpetrados no país desde 1979.

<sup>158</sup> Ver Anexo J – Evolução dos ataques terroristas na Tunísia desde 1979 onde se observa a totalidade de ataques perpetrados no país desde 1979.

<sup>159</sup> A AQMI reclamou a responsabilidade deste atentado (Leal, 2010).

### **5.5 Síntese conclusiva**

A região do Magrebe constitui-se como uma região que, dadas as suas reservas de recursos energéticos, participa em constantes trocas e relações com a Europa, importando acentuar aquelas designadas como estratégicas, como o petróleo (Dias, 2009, p.200), sendo frequente os países dessa região contarem com a sua cooperação, mas “os radicalismos políticos, ideológicos e religiosos; as migrações, a imigração ilegal e o tráfico de pessoas; o terrorismo; a proliferação e o tráfico de armas; o tráfico de droga” (Sacchetti, 2005, p.90) continuam a ser uma realidade.

Denota-se, depois de analisada a informação apresentada, que a presença estrangeira no Magrebe se começou a fazer notar principalmente nos anos 90, altura coincidente com o início de medidas de liberalização dos mercados dos países dessa região, e com o final da invasão e guerra do Afeganistão com a URSS.

Por sua vez, os dados apontam os ataques contra estrangeiros como sendo um dos objetivos de grupos terroristas nesta parte do Norte de África desde os anos noventa, tanto devido à sua “invasão” de influências na cultura e valores árabes, como pelo simbolismo e valor que, como alvos, representam no mediatismo da sua causa (American Foreign Policy Council, 2013). Finalmente, no que toca à finalidade do terrorismo neste mesmo espaço e tempo, esta concretiza-se com a expulsão de “ocidentais” e retorno dos países do Magrebe a Estados Islâmicos englobados num Califado (Santos, 2006).

## Conclusões e Recomendações

### Generalidades

O culminar de toda a investigação constitui-se na etapa em que nos encontramos, onde são verificadas ou refutadas as hipóteses inicialmente deduzidas, apurando as repostas às demais Questões Derivadas, bem como à Questão Central. Paralelamente, é averiguado o cumprimento dos objetivos definidos. Finalmente, são abordadas algumas limitações experimentadas no decorrer da investigação, delineando também algumas propostas/recomendações para investigações que recaiam nesta temática.

### Cumprimento dos objetivos

De acordo com o desenvolvimento lógico do trabalho, a par da validação/refutação das hipóteses e resposta às Questões derivadas e Questão Central, considera-se que foram cumpridos os Objetivos Específicos e o Objetivo Geral definidos inicialmente no trabalho. Tal foi possível através de uma sequência coerente de revisão de literatura, concatenando-as com os demais dados estudados ao longo da investigação.

### Resposta às Questões Derivadas

O cumprimento dos Objetivos Específicos torna possível a resposta às Questões Derivadas.

No que respeita à primeira Questão Derivada, **“Em que medida contribuiu a revolução iraniana e a invasão do Afeganistão pela então União Soviética, em 1979, para o entendimento de terrorismo enquanto técnica utilizada na região do Magrebe?”**, a resposta é inequívoca e surge no encadeamento do trabalho, através da revisão de literatura, nomeadamente nos capítulos 3 e 4. A Revolução Iraniana de 1979, que culminou com a

criação de um Estado Islâmico, representa o início da última era do terrorismo de Rapoport, e na qual nos encontramos, a era religiosa. O apelo à exportação da revolução e à “*jihad*” pelo seu líder, o *Ayatollah Ruhollah Khomeini*, desencadeou a criação de grupos terroristas islâmicos que acreditavam conseguir, seguindo o seu exemplo, depor os seus regimes muçulmanos pró-ocidentais, de forma a estender a interpretação fundamentalista da lei islâmica associada ao Irão a outros países, em prol da criação de outros estados islâmicos.

Simultaneamente, a invasão soviética do Afeganistão, em 1979, que se prolongou até 1989, com o término da guerra, foi o fator que paralelamente à revolução iraniana potenciou ações terroristas por parte de novos grupos radicais islâmicos Magrebinos, compostos e criados por combatentes regressados aos seus países de origem depois da guerra. Também no seguimento destes acontecimentos, a ideologia fundamentalista foi espalhada não só no mundo árabe, mas também no seio das comunidades islâmicas imigradas nos países ocidentais.

Continuando, e relativamente à segunda Questão, **“Qual a importância, no ensino militar, da perceção do radicalismo islâmico como influência para o que hoje se entende por terrorismo enquanto técnica utilizada na região do Magrebe?”**, dado estarmos a falar de expressões violentas que, dentro de diferentes quadros institucionais poderão envolver forças militares, parece pertinente as escolas militares abordarem neste tipo de temática, ao nível conceptual, percecionando que o radicalismo islâmico, com as suas origens na ideologia fundamentalista, e influenciado pela guerra do Afeganistão e revolução iraniana, foram impulsionadores de um pensamento anticolonialista e antiocidental nos territórios islâmicos. Note-se que nos países Magrebinos, com passados colonialistas e influências ocidentais, onde Portugal se inclui, decorrem campanhas desde o início dos anos 90 que têm como finalidade, segundo se apurou nesta investigação, através de ações terroristas pelos grupos descritos ao longo do trabalho, a substituição dos atuais governos pelo Estado Islâmico.

Finalmente, e como resposta à última questão derivada, **“Qual a influência da atividade comercial europeia no Magrebe, na finalidade do terrorismo enquanto técnica utilizada na região?”**, decorre da análise documental e dos dados estudados e apresentados a perceção de que a região do Magrebe se constitui como uma região com a qual a Europa mantém relações comerciais, principalmente as energéticas. Desta forma, e de acordo com o concluído relativamente à influência do radicalismo islâmico na finalidade do terrorismo praticado nesta região, observa-se que a presença estrangeira (sejam empresas, turistas ou individualidades) desde os anos 90, se constitui como objeto de ataques terroristas

perpetrados na região. Esta altura coincide com o final da invasão e guerra do Afeganistão com a URSS, e com o início de medidas de liberalização dos mercados dos países Magrebinos, não se enquadrando estas com a oposição radical islâmica.

### Verificação da Hipóteses

Com a finalidade de se constituírem como preposições de resposta à Questão Central, foram deduzidas Hipóteses sem prévia verificação científica.

Relativamente à primeira Hipótese, **“A finalidade representa, no entendimento de terrorismo, enquanto técnica utilizada no Magrebe, desde 1979, a forma mais importante de englobar os vários objetivos do terrorismo praticado na região”**, esta foi sendo confirmada ao longo da investigação, na medida em que, dado o conjunto de objetivos pretendidos pelos grupos radicais islâmicos, nomeadamente a expulsão de estrangeiros das terras do Islão, o retorno a um califado, ou a pretensão de controlo e conquista territorial, estes correspondem em última análise à finalidade de alteração política, sendo esta, no caso do Magrebe, o estabelecimento de um Estado Islâmico. Além disso, permite fazer face às diferentes evoluções e alterações dos mesmos objetivos, estando estes sempre englobados na finalidade, e consequentemente providenciando uma base legal para punir internacionalmente atos terroristas desta natureza.

A segunda Hipótese, **“A finalidade é o fator mais importante no entendimento de terrorismo, enquanto técnica utilizada no Magrebe, desde 1979”** é parcialmente validada, de acordo com a revisão de literatura efetuada ao longo dos capítulos. Por um lado, corresponde à perceção do fim a que se destinam as ações terroristas na região, no entanto, os outros elementos conceptuais, nomeadamente o *“Uso sistemático de ações violentas ou sua ameaça”*, o *“provocar o terror contra entidades, instituições, comunidades ou governos”*, o *“por grupos ou organizações”*, ou o *“agindo na clandestinidade”* desempenham igualmente o papel de facultar a perceção e definir aquilo que se considera como terrorismo.

Quanto à terceira e última Hipótese, **“A finalidade, no entendimento de terrorismo no Magrebe, desde 1979, é mais importante do que a referência ao tipo de alvos escolhidos por quem pratica essa técnica na região”**, pode afirmar-se que não foi validada de acordo com o trabalho de investigação, documentação e dados consultados. No que respeita aos alvos escolhidos pelos grupos terroristas na região, estes revelam-se de extrema

importância, além de contribuírem para a noção da finalidade da técnica praticada na região do Magrebe. Os alvos – forças governamentais, forças de segurança e militares, empresas estrangeiras ou elementos estrangeiros – que constituem alvos dos ataques perpetrados nesta região desde os anos 90 permitem delinear e entender quais são os objetivos das organizações terroristas, concluindo que, de facto, se não existir a concretização de ataques e identificação do tipo de alvos, não se poderia identificar a finalidade.

### **Resposta à Questão Central**

Resultante de toda a investigação realizada, do primeiro ao último capítulo, concatenando toda a revisão de literatura e dados analisados, foi-nos possível culminar este estudo com a resposta à Questão Central, **“Qual a importância da finalidade, no entendimento de terrorismo enquanto técnica utilizada na região do Magrebe, a partir de 1979?”**. A importância da finalidade no delinear conceptual desta técnica, e respeitando a sequência lógica da revisão de literatura e análise de dados, tem peso relevante, pois importa não apenas delimitar o tipo de ações que se consideram terroristas, e os seus efeitos, mas o fim a que se destinam, para que qualquer evolução nas suas táticas, alvos, ou objetivos esteja sempre abarcada pela finalidade. Esta apresenta de forma constante o fator político, sendo na região e espaço temporal considerados a alteração política para um Estado Islâmico, a par da expulsão de estrangeiros dos territórios islâmicos. Contudo, é através do conhecimento desse tipo de alvos, e dos objetivos dos terroristas na região, que se culmina com a noção da finalidade nesse território, pretendendo-se também que se contribua com essa finalidade para o entendimento de terrorismo enquanto técnica utilizada no Magrebe desde 1979.

### **Limitações da Investigação**

No decorrer da investigação, e no que respeita à revisão de literatura, encontrou-se desde cedo obstáculos no que toca à dimensão. A grande quantidade de individualidades, instituições e organizações com diferentes perspetivas e conhecimentos acerca da temática do terrorismo revelou-se um desafio, pois importava sintetizar e recolher as amostras mais relevantes e técnicas que foram pesquisadas. Também no que toca ao nível conceptual, e



uma vez que não existe consenso internacional acerca do que é, de facto, o terrorismo, a tarefa verificou-se demorada. Por outro lado, as falhas técnicas e os erros conceptuais foram colmatados com o auxílio do orientador.

No que toca às entrevistas, para uma possível verificação de conteúdos e afirmações, optámos, dada a dimensão viável apresentada, nomeadamente a temporal, por não comprometer o curto tempo de exploração de literatura e investigação, abdicar das mesmas. Contudo, e realizadas da forma correta, estas seriam proveitosas ao questionar individualidades especialistas na temática, mais especificamente no terrorismo utilizado no Magrebe.

### **Propostas de Investigações Futuras**

Para obtermos uma melhor perspetiva acerca do terrorismo, seria interessante verificar o seu conceito de acordo com o tipo de ações praticadas a nível global.

Além disso, seria pertinente realizar-se um estudo acerca do funcionamento das redes terroristas, recolhendo todas as suas formas de financiamento existentes em diversas partes do mundo, e averiguar a sua origem.

Finalmente, aparenta ser aliciante o estudo da componente psicológica e social daqueles que são recrutados para células terroristas, em diversos territórios, pretendendo-se distinguir padrões entre os vários locais onde este recrutamento é feito.

## Bibliografia

- Academia Militar (2013). *NEP 520/2º/29ABR13/AM*. Lisboa: Academia Militar.
- Ahmad, Hazrat (1990). *Murder in the Name of Allah*. London: London Mosque
- AICEP (2010a). *Argélia – Dossier de Mercado*. Retirado: Junho, 26, 2014, de: [http://www.chooseportugal.com.pt/files/\\_D\\_M\\_517fd48ec0b2e.pdf](http://www.chooseportugal.com.pt/files/_D_M_517fd48ec0b2e.pdf).
- AICEP (2010b). *Tunísia – Dossier de Mercado*. Retirado: Junho, 7, 2014, de: <http://www.aeportugal.pt/comunicacoesemail/Legislacao%20Internacionalizacao/Tunisia%20-%20DM%20-%202010-03.pdf>.
- AICEP (2013). *Marrocos - Ficha de Mercado*. Retirado: Junho, 20, 2014, de: <http://www.portugalglobal.pt/PT/Biblioteca/LivrariaDigital/MarrocosFichaMercado.pdf>.
- Alexander, Yonah (2010). *Addressing the Rising Threat from al-Qaeda & other Terrorists in North & West/Central Africa*. Retirado: Abril, 24, 2014, de: [http://www.potomacinstitute.org/attachments/524\\_Maghreb%20Terrorism%20report.pdf](http://www.potomacinstitute.org/attachments/524_Maghreb%20Terrorism%20report.pdf).
- American Foreign Policy Council (AFPC) (2013). *Algeria*. Retirado: 29, Março, 2014, de: <http://almanac.afpc.org/sites/almanac.afpc.org/files/Algeria.pdf>.
- Artigo de Revista*
- BES (2012). *Marrocos – novembro 2012 – International Support Kit of Opportunities*. Retirado: Julho, 4, 2014 de: <http://www.bes.pt/siteBES/cms.aspx?plg=e79dc4b0-7635-4a96-b0a2-f871e0df2c0b>.
- Bessa, João Pinto (2006). As Nações Unidas e o Terrorismo. *Revista Militar*. N.º 2458, 1-24.
- Blanchard, Christopher M. (2009). *Islam: Sunnis and Shiites*. Retirado: Julho, 7, 2014, de: <http://fas.org/irp/crs/RS21745.pdf>.
- Boniface, Pascal (2003). *As Guerras do Amanhã*. Mem Martins: Inquérito.
- Borges, João Vieira (2009). O Terrorismo Transnacional e o Planeamento Estratégico de Segurança Nacional dos EUA. *Estratégia*. Vol. XVII, 177-188.
- BP (2014a). *BP Energy Outlook 2035*. Retirado: Junho, 3, 2014, de: [http://www.bp.com/content/dam/bp/pdf/Energy-economics/Energy-Outlook/Energy\\_Outlook\\_2035\\_booklet.pdf](http://www.bp.com/content/dam/bp/pdf/Energy-economics/Energy-Outlook/Energy_Outlook_2035_booklet.pdf).

BP (2014b). *BP Statistical Review of World Energy*. Retirado: Junho, 14, 2014, de: <http://www.bp.com/content/dam/bp/pdf/Energy-economics/statistical-review-2014/BP-statistical-review-of-world-energy-2014-full-report.pdf>.

Bravo, A., Dias, C. (2004). Os factores Determinantes do Terrorismo num Contexto Geopolítico. *Proelium*. N.º 2, 133-160.

CEDN (2013). Resolução do Conselho de Ministros nº19/2013. *Conceito Estratégico de Defesa Nacional*. Lisboa: Governo de Portugal.

Celso, Anthony (2008). *Al Qaeda in the Maghreb: The “Newest” Front in the War on Terror*. Retirado: Junho, 15, 2014, de: [https://muse.jhu.edu/login?auth=0&type=summary&url=/journals/mediterranean\\_quarterly/v019/19.1celso.pdf](https://muse.jhu.edu/login?auth=0&type=summary&url=/journals/mediterranean_quarterly/v019/19.1celso.pdf).

Central Intelligence Agency (2014), *The World Fact Book*. Retirado: Julho, 5, 2014, de: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/index.html>.

Chivvis, C., Liepman, A. (2013). *North Africa’s Menace. AQIM’s Evolution and the U.S. Policy Response*. Retirado: Junho, 1, 2014, de: [http://www.rand.org/pubs/research\\_reports/RR415.html](http://www.rand.org/pubs/research_reports/RR415.html).

Costa, Hélder Santos (2001). *O Revivalismo Islâmico*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Couto, Abel Cabral (2009). Que Visão para a Defesa? Portugal-Europa-NATO. *Nação e Defesa*. N.º124, 19-86.

Crenshaw, Martha (1981). The Causes of Terrorism. *Comparative Politics*. Vol. 13, N.º 4, 379-399.

CSIS (2013). *The Maghreb in Transition: Seeking Stability in an Era of Uncertainty*. Retirado: Junho, 23, 2014, de: [http://csis.org/files/publication/130111\\_Maghreb\\_Transition\\_Conference\\_Report.pdf](http://csis.org/files/publication/130111_Maghreb_Transition_Conference_Report.pdf).

Department of Defense (2010). *Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms*. Retirado: Abril, 6, 2014, de: [http://www.dtic.mil/doctrine/new\\_pubs/jp1\\_02.pdf](http://www.dtic.mil/doctrine/new_pubs/jp1_02.pdf).

Dias, Carlos Manuel Mendes (2009). Outrora... Europa Banhou-se no Mediterrâneo. *Geopolítica*. N.º 3, 173-218.

Dias, Carlos Manuel Mendes (2010). *Geopolítica: Teorização Clássica e Ensinos*. Lisboa: Prefácio.

Duarte, António Paulo e Fernandes, Carla (2011). *Segurança Nacional e Estratégias Energéticas de Portugal e Espanha*. Retirado: Abril, 7, 2014, de: [http://www.idn.gov.pt/publicacoes/cadernos/idncaderno\\_4.pdf](http://www.idn.gov.pt/publicacoes/cadernos/idncaderno_4.pdf).

Dumitriu, Eugenia (2004). *The E.U.'s Definition of Terrorism: The Council Framework Decision on Combating Terrorism*. Retirado: Abril, 26, 2014, de: [http://www.germanlawjournal.com/pdfs/Vol05No05/PDF\\_Vol\\_05\\_No\\_05\\_585-602\\_special\\_issue\\_Dumitriu.pdf](http://www.germanlawjournal.com/pdfs/Vol05No05/PDF_Vol_05_No_05_585-602_special_issue_Dumitriu.pdf).

EIA (2013). *World Energy Outlook 2012*. Retirado: Julho, 3, 2014, de: [http://www.iea.org/publications/freepublications/publication/WEO2012\\_free.pdf](http://www.iea.org/publications/freepublications/publication/WEO2012_free.pdf)

Esposito, John (1988). *The Straight Path*. Retirado: Julho, 4, 2014, de: <http://www-personal.umich.edu/~vika/TeachPort/islam00/esposito/chapt2.html>

Esteves (2011). *O Papel de Portugal no Magrebe - Um Caminho para uma Parceria Euro Med-Atlântica*. Retirado: Maio, 15, 2014, de: <http://www.geema.org/documentos/1260880783C7sUY7ti1So99TP3.pdf>.

EU (2002). *Council Framework Decision of 13 June 2002 on combating terrorism (2002/475/JHA)*. Retirado: Abril, 24, 2014, de: <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:02002F0475-20081209&qid=1398792086015&from=EN>.

European Commission (2014). *In-depth study of European Energy Security*. Retirado: Junho, 14, 2014, de: [http://ec.europa.eu/energy/doc/20140528\\_energy\\_security\\_study.pdf](http://ec.europa.eu/energy/doc/20140528_energy_security_study.pdf)

FAO (2014). *The State of World Fisheries and Aquacultures*. Retirado: Maio, 20, 2014, de: <http://www.fao.org/3/a-i3720e.pdf>.

Farinha, António Dias (1999). *Os Portugueses em Marrocos*. Retirado: Junho, 1, 2014, de: [http://www.emb-marrocos.pt/cache\\_bin/XPQdpKQXX848kSkFEXmqx8ZKU.pdf](http://www.emb-marrocos.pt/cache_bin/XPQdpKQXX848kSkFEXmqx8ZKU.pdf).

FBI (2005). *Terrorism 2002-2005*. Retirado: 4, Junho, 2014, de: [http://www.fbi.gov/stats-services/publications/terrorism-2002-2005/terror02\\_05.pdf](http://www.fbi.gov/stats-services/publications/terrorism-2002-2005/terror02_05.pdf).

Fernandes, José Pedro Teixeira (2007). A Ideologia do Islamismo Radical: O Pensamento de Mawdudi e Qutb. *Segurança e Defesa*. N.º3, 102-106.

Fernandes, Luís Miguel Fiães (2004). As sociedades contemporâneas e a ameaça terrorista. In Moreira, Adriano, (coord.), *Terrorismo*. Coimbra: Almedina.

Fernandes, Luís Miguel Fiães (2011). O Terrorismo na Era da Incerteza. In Brandão, Ana Paula (coord.), *A Luta Contra o Terrorismo Transnacional*. Coimbra: Almedina.

FMI (2014). *IMF Country Report No. 14/32*. Retirado: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/scr/2014/cr1432.pdf>.

Fortin, M. F. (2009) (5.<sup>a</sup> Ed.). *O Processo de Investigação da concepção à realização*. Loures: Lusociência.

Freixo, Manuel João Vaz (2012). *Metodologia Científica*. Lisboa: Instituto Piaget.

Galito, Maria Sousa (2012). *AQIM – Terrorismo Islâmico no MAGREBE e do SAHEL*. Retirado: Março, 20, 2014, de: <http://www.ispsn.org/sites/default/files/magazine/articles/N2%20art8.pdf>.

Galito, Maria Sousa (2013). *Terrorismo – Conceptualização do Fenómeno*. Retirado: Março, 27, 2014, de: [http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc\\_trabalho/WP117.pdf](http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/files/Doc_trabalho/WP117.pdf).

Gonçalves, Francisco (2009). O Combate ao Terrorismo *Jihadista* Coloca em Causa a Relação Transatlântica?. *Estratégia*. Vol. XVII, 95-110.

Gonçalves, Francisco (2010). Ameaças comuns Colocadas por Grupos Dawa e *Jihad*: O Combate às Distorções Religiosas. *Estratégia*. Vol. XIX, 135-158.

Gonçalves, Francisco (2011). O Islamismo Radical e as suas Ameaças Não-Violentas. *Estratégia*. Vol. XX, 87-105.

Gunaratna, Rohan (2002). *No Interior da Al-Qaeda, Rede Global do Terror*. Lisboa: Relógio D'Água.

History.com Staff (2009). *Oklahoma City Bombing*. Retirado: Junho, 23, 2014, de: <http://www.history.com/topics/oklahoma-city-bombing>.

Hoffman, B., Bergen, P. (2010). *Assessing the Terrorist Threat – A Report of the Bipartisan Policy Center's National Security Preparedness Group*. Retirado: Março, 27, 2014, de: <http://bipartisanpolicy.org/sites/default/files/NSPG%20Final%20Threat%20Assessment.pdf>.

Hoffman, Bruce (2006). *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press.

ILO (2013). *Global Employment Trends for Youth 2013*. Retirado: Junho, 13, 2014, de: [http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/publication/wcms\\_212423.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/publication/wcms_212423.pdf).

Jacquard, Roland (2001). *Osama Bin Laden- A Estratégia do Terror*. Lisboa: Livros do Brasil.

Jenkins, Brian M., Johnson, Janera (1975). *International Terrorism: A Chronology, 1968-1974*. Retirado: Julho, 4, 2014, de: <http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/reports/2007/R1597.pdf>.

- Laqueur, Walter (1987). *The Age of Terrorism*. Londres: Weidenfeld & Nicolson.
- Laqueur, Walter (1999). *The New Terrorism, Fanaticism and the Arms of Mass Destruction*. London: Phoenix Press.
- Laqueur, Walter (2001). *A History of Terrorism*. Retirado: Abril, 29, 2014, de: [http://books.google.pt/books?id=VfY7AQAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=isbn:0765807998&hl=pt-PT&sa=X&ei=QJRfU-2gFMje7Abes4HwDQ&redir\\_esc=y#v=onepage&q=definition&f=false](http://books.google.pt/books?id=VfY7AQAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=isbn:0765807998&hl=pt-PT&sa=X&ei=QJRfU-2gFMje7Abes4HwDQ&redir_esc=y#v=onepage&q=definition&f=false).
- Laqueur, Walter (2003). *No End to War, Terrorism in The Twenty-First Century*. Nova Iorque: Continuum.
- Larémont, Ricardo René (2011). *Al Qaeda in the Islamic Maghreb: Terrorism and Counterterrorism in the Sahel*. Retirado: Abril, 30, 2014, de: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/19392206.2011.628630>.
- Leal (2009). *Magrebee: Um Exportador de Energia e de Pessoas*. Retirado: Junho, 24, 2014, de: <http://www.geema.org/documentos/1272291889X4pOU9sp0On98EO6.pdf>.
- Leal, Catarina Mendes (2010). *Magrebee, Islamismo e a relação energética de Portugal*. Parede: Tribuna da História.
- Leal, Catarina Mendes (2013). *A Segurança Energética de Portugal e o Magrebee*. Retirado: [http://www.ipri.pt/publicacoes/working\\_paper/pdf/WP52\\_CML\\_0513.pdf](http://www.ipri.pt/publicacoes/working_paper/pdf/WP52_CML_0513.pdf).
- Leandro, Garcia (2004). Uma visão militar sobre o terrorismo. In Moreira, Adriano, (coord.), *Terrorismo*. Coimbra: Almedina.
- Lousada, Abílio Pires (2007). Revisitar o 11 de Setembro. O Terrorismo e as Relações Transatlânticas. *Estratégia*, Vol. XVI, 17-57.
- MacDonald (2011). *Supplying the EU Natural Gas Market – Final Report*. Retirado: Junho, 20, 2014, de: [http://ec.europa.eu/energy/international/studies/doc/2010\\_11\\_supplying\\_eu\\_gas\\_market.pdf](http://ec.europa.eu/energy/international/studies/doc/2010_11_supplying_eu_gas_market.pdf).
- Madeira, César Martinho Gusmão Reis (2005). Redes Internacionais de Terrorismo – Que Inimigo?. *Estratégia*, Vol. XV, 135-168.
- Martins, Raúl François Carneiro (2010). Acerca de “Terrorismo” e de “Terrorismos”. *Instituto da Defesa Nacional*. N.º 1, 7-90.
- Matias, Rui Manuel Xavier (2009). Geopolítica do Petróleo, A Nova Visibilidade do Continente Africano e o seu Impacto nas Relações Internacionais. *Estratégia*. Vol. XVII, 419-468.

Millenium BCP (2013). *Internacionalização – Argélia*. Retirado: Junho, 5, 2014, de: <http://ind.millenniumbcp.pt/pt/negocios/internacional/Documents/Paises/Argelia.pdf>.

Moreira, Adriano (2002). *Teoria das Relações Internacionais*. Coimbra: Almedina.

Moreira, Adriano (2004). Insegurança sem Fronteiras: O Martírio dos Inocentes. In Moreira, Adriano, (coord.), *Terrorismo*. Coimbra: Almedina.

Moreira, Adriano (2010). *A Segurança do Ocidente*. Retirado: Março, 20, 2014, de: <http://www.iesm.pt/cisdi/boletim/Artigos/A%20Seguranca%20do%20Ocidente.pdf>.

Morris, Eric, Hoe, Alan (1988). *Terrorism: Threat and Response*. New York: St.Martin's Press.

Moten, Abdul Rashid (2010). *Understanding Terrorism: Contested Concept, Conflicting Perspectives and Shattering Consequences*. Retirado: Abril, 15, 2014, de <http://journals.iium.edu.my/intdiscourse/index.php/islam/article/view/137/138>.

National Archives (2006). *Terrorism Act*. Retirado: Abril, 30, de: <http://www.legislation.gov.uk/ukpga/2006/11/section/34>.

NEPAD (2010). *Presidential Infrastructure Champion Initiative*. Retirado: Julho, 7, 2014, de: <http://www.nepad.org/system/files/Presidential%20Infrastructure%20Champion%20Initiative.pdf>

Nietzsche, Friedrich (2006). *O Anticristo*. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1895).

Hoffman, Bruce e Bergen, Peter (2010). *Assessing the Terrorist Threat*. Retirado: Maio, 20, de: <http://bipartisanpolicy.org/sites/default/files/NSPG%20Final%20Threat%20Assessment.pdf>

Oliveira, Maria Marly de (2005) (3.<sup>a</sup> Ed.). *Como fazer Projetos, Relatórios, Monografias, Dissertações e Teses*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Pires, Mário Lemos (1984). *O Vector Internacional de Terrorismo*. Retirado: Junho, 3, 2014, de: [http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2801/1/NeD030\\_LemosPires.pdf](http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2801/1/NeD030_LemosPires.pdf).

Pires, Nuno Lemos (2012). Terrorismo, Uma Ameaça Perene. *Revista Militar*. N.º 2525/2526, 663-680.

Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Ramalho, Pinto (2005). O Conflito Assimétrico e o Desafio da Resposta - Uma Reflexão. *Revista Militar*. N.º 2443/2444, p.1-13).

Rapoport, David C. (2006). *Four Waves of Modern Terrorism*. Retirado: Março, 5, 2014, de: <http://www1.international.ucla.edu/article.asp?parentid=47153>.

Ribeiro, António Silva (2005). Os Serviços de Informação no Combate ao Terrorismo. *Estratégia*, Vol. XV, 123-132.

Rogeiro, Nuno (2003). *O Inimigo Público*. Lisboa: Gradiva.

Rogeiro, Nuno (2011). *Na Rua Árabe*. Alfragide: Dom Quixote.

Sacchetti, António Emílio Ferraz (2005). O Mediterrâneo e a Segurança Europeia. *Estratégia*, Vol. XV, 83-119.

Sallis, J., e Patrick, G. (2005). Physical activity guidelines for adults. *European Journal*

Santos, José Alberto Loureiro dos (2004). *Convulsões, Ano III da “Guerra” Ao Terrorismo*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.

Santos, José Alberto Loureiro dos (2006). *O Império Debaixo de Fogo*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Santos, José Loureiro dos (2010). *História Concisa De Como Se Faz a Guerra*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.

Santos, José Alberto Loureiro dos (2013). *Conflitos na Era da Informação/As Revoltas Árabes*. Retirado: Junho, 17, 2014, de: [http://www.acad-ciencias.pt/wordpress/wp-content/uploads/2014/05/comunicacao\\_0007.pdf](http://www.acad-ciencias.pt/wordpress/wp-content/uploads/2014/05/comunicacao_0007.pdf).

Schmid, Alex P., Jongman, Albert J. (1988). *Political Terrorism*. New Jersey: transaction.

Setty, Sudha (2011). *What's in a Name? How Nations Define Terrorism Ten Years After 9/11*. Retirado: Abril, 20, de: <https://www.law.upenn.edu/live/files/139-setty33upajintl12011pdf>.

Shapiro, John (2004). *Collective Memory as a Contributing Determinant of War and Peace: The Case of Ethnic Relations in Macedonia*. Retirado: Julho, 4, 2014, de: <http://www.geocities.ws/joshdshapiro/thesis.pdf>.

Sousa, Francisco Xavier Ferreira de (2011). O Magrebe e a Europa Ocidental: Que Contributos Para a Segurança no Mediterrâneo Ocidental?. *Estratégia*. Vol. XX, 149-273.

START (2013). *Global Terrorism Database*. Retirado: Março, 2, 2014, de: <http://www.start.umd.edu/gtd/>

Stern, Jessica (1999). *The Ultimate Terrorists*. Massachusetts: Harvard University Press



Torres, Adelino (2004). *Terrorismo: O apocalipse da Razão?*. In Moreira, Adriano, (coord.), *Terrorismo*. Coimbra: Almedina.

UN (1993). *A/RES/47/225*. Retirado: Julho, 7, 2014, de: <http://www.un.org/documents/ga/res/47/a47r225.htm>.

UN (2004). *Resolution 1566 (2004)*. Retirado: Abril, 23, de: [http://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=S/RES/1566%20\(2004\)](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1566%20(2004)).

UN (2012). *World Population Prospects: The 2012 Revision*. Retirado: Junho, 23, 2014, de: [http://esa.un.org/unpd/wpp/unpp/panel\\_indicators.htm](http://esa.un.org/unpd/wpp/unpp/panel_indicators.htm).

UNCTAD (2013). *World Investment Report*. Retirado: Maio, 25, 2014, de: [http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/wir2013\\_en.pdf](http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/wir2013_en.pdf).

Ventura, João Paulo (1996). *O Terrorismo Integrista no Norte de África e a Situação Geoestratégica da Península Ibérica*. Retirado: Abril, 30, 2014, de: <http://www.idn.gov.pt/publicacoes/nacaodefesa/textointegral/NeD79.pdf>.

Wilkinson, Paul (2011). *Terrorism versus Democracy, The liberal state response*. New York: Routledge

Young, Reuven (2006). *Defining Terrorism: The Evolution of Terrorism as a Legal Concept in International Law and Its Influence on Definitions in Domestic Legislation*. Retirado: Junho, 7, 2014, de: <http://lawdigitalcommons.bc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1054&context=iclr>.

## Apêndices

### Apêndice A

#### As Correntes Kharijita, Xiita e Sunita

As diferenças entre as três correntes islâmicas originaram-se com a morte de Moamé, em 632 d.C., e a sua consequente sucessão. A problemática prendeu-se com a liderança do Islão ser de acordo com a linhagem sanguínea de Maomé (corrente Xiita), ou ser atribuída a uma individualidade qualificada e da confiança de Maomé (Sunita) (Leal, 2010). De início, Abu Bakr foi eleito o primeiro Califa (sucessor), o que foi aceite pela maioria dos muçulmanos. Apesar disto, alguns apoiavam o direito à sucessão do genro de Moamé, Ali, que apesar da sua falta de senioridade, seria o legítimo sucessor, o que originou, em 656 d.C., o assassinato do terceiro Califa (Uthman). Seguidamente, Ali foi eleito Califa, tendo também sido assassinado em 661 d.C. (Leal, 2010). Outra corrente que se apresenta menos proeminente é a Kharijita, que se opôs inicialmente à luta pela sucessão entre as duas correntes, sendo da opinião que o julgamento pertence apenas a Deus (Alá). Como tal, repudiavam não apenas os califas seguintes, como se empenharam em campanhas violentas contra os seus opositores.<sup>160</sup>

“Xiita” provém do “*shi’at Ali*”, que significa “apoiantes de Ali”. Por sua vez, “Sunita” provém do “*Sunni*”, que significa “seguidores das tradições de Moamé (*sunna*)”.

O Califado como instituição religiosa e política acabaria por se ir desvanecendo a partir do séc. XIII, e desaparecer praticamente por completo em 1924 com a sua abolição pelo primeiro presidente turco Mustafa Kemal Atatürk. O impacto desta decisão<sup>161</sup>, maioritariamente na corrente Sunita, veio fomentar a criação, em 1928, da Irmandade Muçulmana (como descrito no Capítulo 4 - O Islamismo Radical e a sua presença no Magrebe desde 1979), o que impulsionaria também o carácter radical islâmico de individualidades sunitas hoje conhecidas, como Osama Bin Laden (Blanchard, 2009).

---

<sup>160</sup> Cfr. <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/316391/Kharijite>, disponível em 12 de Junho de 2014, às 10h35m.

<sup>161</sup> Descrita no Capítulo 4 - O Islamismo Radical e a sua presença no Magrebe desde 1979.

Concluindo, e relativamente às diferenças entre correntes, estas são maioritariamente em torno das *ahadith*<sup>162</sup>. Enquanto a Sunita interpreta de uma forma literal as *ahadith* do profeta, a corrente xiita (que dá primazia às interpretações de Imãs<sup>163</sup>), permite uma interpretação legal mais humana e atual (Blanchard, 2009).

A corrente Sunita é a mais representativa do mundo muçulmano, com cerca de 90%, seguida da Xiita, com cerca de 10%. Por sua vez, a corrente Kharijita representa apenas 1% (Leal, 2010)

---

<sup>162</sup> As *ahadith* dizem respeito aos relatos de vida de Maomé, os seus feitos e aquilo que sancionou (Gonçalves 2010)

<sup>163</sup> Autoridade religiosa do islamismo da corrente Xiita.

## Anexos

### Anexo A

#### Frequência de Uso de Termos na Análise de 109 Definições de Terrorismo

Tabela n.º 1 – Frequência de uso de termos na análise de 109 definições de terrorismo

Fonte: Schmid e Jongman (1988)

<i>Element</i>	<i>Frequency (%)</i>
1 Violence, force	83.5
2 Political	65
3 Fear, terror emphasized	51
4 Threat	47
5 (Psychological) effects and (anticipated) reactions	41.5
6 Victim-target differentiation	37.5
7 Purposive, planned, systematic, organized action	32
8 Method of combat, strategy, tactic	30.5
9 Extranormality, in breach of accepted rules, without humanitarian constraints	30
10 Coercion, extortion, induction of compliance	28
11 Publicity aspect	21.5
12 Arbitrariness; impersonal, random character; indiscrimination	21
13 Civilians, noncombatants, neutrals, outsiders as victims	17.5
14 Intimidation	17
15 Innocence of victims emphasized	15.5
16 Group, movement, organization as perpetrator	14
17 Symbolic aspect, demonstration to others	13.5
18 Incalculability, unpredictability, unexpectedness of occurrence of violence	9
19 Clandestine, covert nature	9
20 Repetitiveness; serial or campaign character of violence	7
21 Criminal	6
22 Demands made on third parties	4

## Anexo B

### Mapa Histórico de Território Islâmico

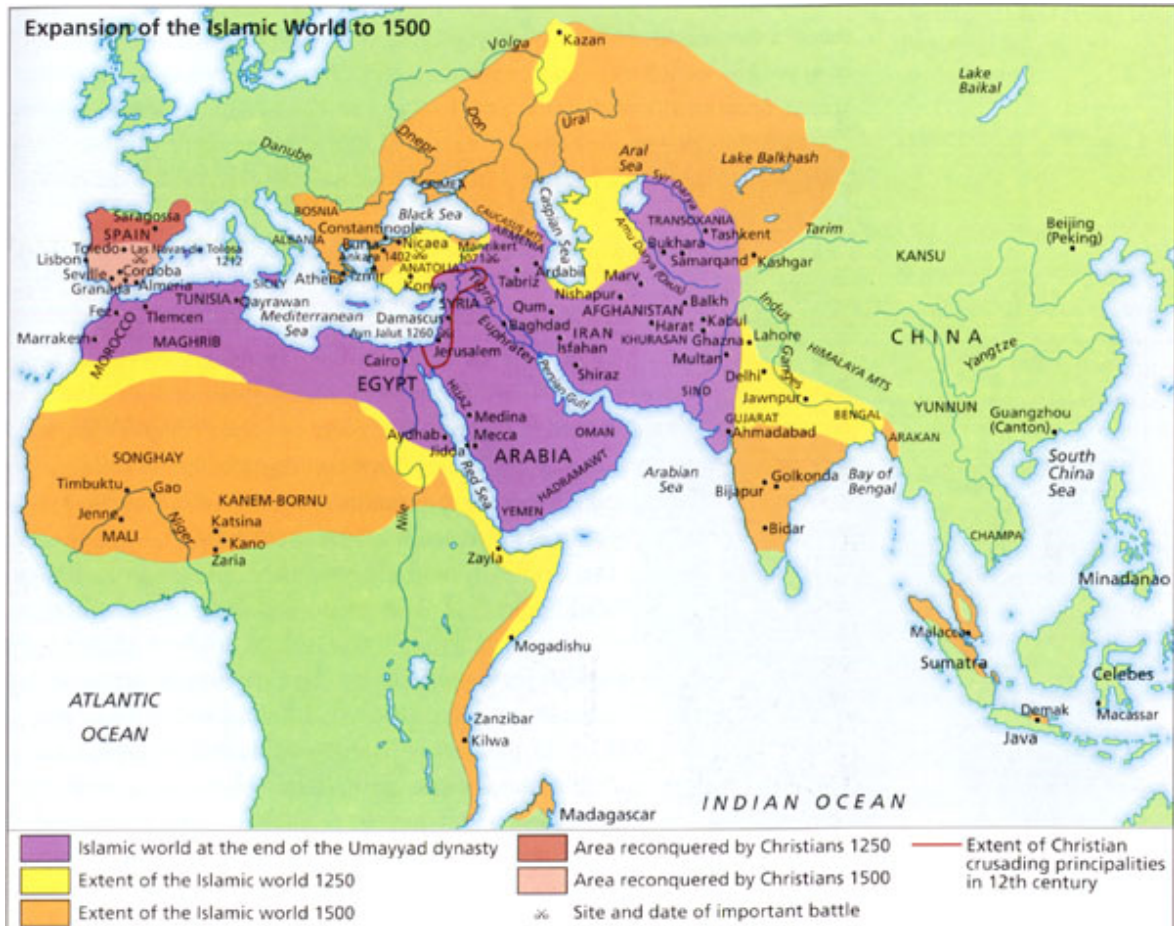


Figura n.º 1 – Mapa Histórico de Território Islâmico

Fonte: Esposito (1988)

## **Anexo C**

### **Definição de Terrorismo da União Europeia**

A EU (2002, p.4), na sua definição “um acto que, dada a sua natureza ou o seu contexto, possa causar sérios danos a um país ou a uma organização internacional quando cometido com o intuito de: intimidar gravemente uma população, ou obrigar indevidamente autoridades públicas ou uma organização internacional a praticar ou abster-se de praticar qualquer acto, ou destabilizar gravemente ou destruir as estruturas políticas, constitucionais, económicas ou sociais fundamentais de um país ou de uma organização internacional”, apresenta uma lista<sup>164</sup> de (a) a (i) com aquilo que considera uma ação terrorista, podendo a mesma ser consultada abaixo.

Consideram-se ações terroristas:

- (a) Attacks upon a person's life which may cause death;
- (b) Attacks upon the physical integrity of a person;
- (c) Kidnapping or hostage taking;
- (d) causing extensive destruction to a Government or public facility, a transport system, an infrastructure facility, including an information system, a fixed platform located on the continental shelf, a public place or private property likely to endanger human life or result in major economic loss;
- (e) Seizure of aircraft, ships or other means of public or goods transport;
- (f) manufacture, possession, acquisition, transport, supply or use of weapons, explosives or of nuclear, biological or chemical weapons, as well as research into, and development of, biological and chemical weapons;
- (g) release of dangerous substances, or causing fires, floods or explosions the effect of which is to endanger human life;
- (h) Interfering with or disrupting the supply of water, power or any other fundamental natural resource the effect of which is to endanger human life;
- (i) Threatening to commit any of the acts listed in (a) to (h).

---

<sup>164</sup> Tradução livre do documento original.

## Anexo D O Golfo Pérsico



Figura n.º 2 – O Golfo Pérsico

Fonte: CIA (2014)



## Anexo E

### Rede de *Pipelines* do Norte de África



Figura n.º 3 – Rede de *Pipelines* do Norte de África

Fonte: NEPAD (2010)



## Anexo F

### A Relação Energética com a Europa

Na figura n.º 4 observa-se que 88% de todo o gás natural produzido pela Argélia e Tunísia são exportados para a Europa.

To	From																	Total Imports							
	US	Canada	Mexico	Russia	Other S. & Cent. America	Netherlands	Norway	United Kingdom	Other Europe	Kazakhstan	Russian Federation	Ukraine	Turkmenistan	Other Former Soviet Union	Iran	Other	Algeria		Libya	Other Africa	Indonesia	Myanmar	Other Asia Pacific		
US	-	78.9	†	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	78.9	
Canada	25.8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25.8	
Mexico	18.6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18.6	
<b>North America</b>	<b>44.4</b>	<b>78.9</b>	<b>†</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>123.3</b>	
Argentina	-	-	-	5.2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5.2	
Brazil	-	-	-	10.7	0.1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10.8	
<b>Other S. &amp; Cent. America</b>	-	-	-	-	<b>2.7</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>2.7</b>	
<b>S. &amp; Cent. America</b>	-	-	-	<b>15.9</b>	<b>2.7</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>18.6</b>	
Austria	-	-	-	-	-	-	1.2	-	0.5	-	5.1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6.8	
Belgium	-	-	-	-	-	5.4	9.4	2.5	-	-	12.3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	29.6	
Czech Republic	-	-	-	-	-	-	3.8	-	-	-	7.2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11.0	
Finland	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3.5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3.5	
France	-	-	-	-	-	6.5	15.5	-	0.4	-	8.1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	30.5	
Germany	-	-	-	-	-	22.4	33.5	-	†	-	39.8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	95.8	
Greece	-	-	-	-	-	-	-	-	0.6	-	2.4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3.0	
Hungary	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5.9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5.9	
Ireland	-	-	-	-	-	-	-	4.9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4.9	
Italy	-	-	-	-	-	8.6	1.1	-	0.3	-	24.9	-	-	-	-	-	11.4	5.2	-	-	-	-	-	51.6	
Netherlands	-	-	-	-	-	-	4.8	1.6	13.0	-	2.1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21.5	
Poland	-	-	-	-	-	-	-	-	1.8	-	9.6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11.4	
Slovakia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5.3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5.3	
Spain	-	-	-	-	-	-	2.7	-	1.3	-	-	-	-	-	-	-	11.4	-	-	-	-	-	-	15.3	
Turkey	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	26.2	-	3.3	-	8.7	-	-	-	-	-	-	-	-	38.2	
United Kingdom	-	-	-	-	-	9.5	29.1	-	3.3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	41.9	
<b>Other Europe</b>	-	-	-	-	-	<b>0.8</b>	<b>1.2</b>	<b>†</b>	<b>6.8</b>	-	<b>10.0</b>	-	-	-	-	-	<b>2.0</b>	-	-	-	-	-	-	<b>20.7</b>	
<b>Europe</b>	-	-	-	-	-	<b>53.2</b>	<b>102.4</b>	<b>8.9</b>	<b>28.1</b>	-	<b>162.4</b>	-	<b>3.3</b>	<b>8.7</b>	-	<b>24.8</b>	<b>5.2</b>	-	-	-	-	-	-	<b>397.1</b>	
Belarus	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18.1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18.1	
Russian Federation	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11.5	-	9.9	6.4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	27.8	
Ukraine	-	-	-	-	-	-	-	-	1.8	-	25.1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	26.9	
<b>Other Former Soviet Union</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>0.2</b>	<b>5.6</b>	<b>1.1</b>	<b>3.8</b>	<b>0.7</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>11.4</b>	
<b>Former Soviet Union</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>1.8</b>	<b>11.7</b>	<b>48.9</b>	<b>11.0</b>	<b>10.1</b>	<b>0.7</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>84.2</b>	
Iran	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4.7	0.4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5.0	
United Arab Emirates	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	17.8	-	-	-	-	-	-	-	-	17.8	
<b>Other Middle East</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>2.1</b>	-	-	<b>0.2</b>	-	-	-	-	-	<b>2.2</b>	
<b>Middle East</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>4.7</b>	<b>0.4</b>	-	<b>19.9</b>	-	-	<b>0.2</b>	-	-	-	-	-	<b>25.1</b>	
South Africa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3.2	2.9	-	-	-	-	-	2.9	
<b>Other Africa</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>0.3</b>	-	-	-	-	-	<b>3.5</b>	
<b>Africa</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>3.2</b>	<b>3.2</b>	-	-	-	-	-	<b>6.4</b>	
Australia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6.8	6.8	
China	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0.1	-	24.4	2.9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	†	27.4
China Hong Kong SAR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.8	
Malaysia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.2	-	-	-	-	1.2	
Singapore	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7.6	-	-	-	-	9.2	
Thailand	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8.5	-	-	8.5	
<b>Asia Pacific</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	<b>0.1</b>	-	<b>24.4</b>	<b>2.9</b>	-	-	-	-	-	<b>8.9</b>	<b>8.5</b>	<b>11.1</b>	-	-	<b>55.9</b>	
<b>Total exports</b>	<b>44.4</b>	<b>78.9</b>	<b>†</b>	<b>15.9</b>	<b>2.7</b>	<b>53.2</b>	<b>102.4</b>	<b>8.9</b>	<b>29.9</b>	<b>11.8</b>	<b>211.3</b>	<b>40.1</b>	<b>16.7</b>	<b>9.4</b>	<b>19.9</b>	<b>28.0</b>	<b>5.2</b>	<b>3.4</b>	<b>8.9</b>	<b>8.5</b>	<b>11.1</b>	-	-	<b>710.6</b>	

Figura n.º 4 – Importações e Exportações de Gás a Nível Mundial

Fonte: BP (2014b)

Por sua vez, na figura n.º5, os dados apontam para 68% da produção de petróleo ser exportada para a Europa.

Million tonnes From	To														Total
	US	Canada	Mexico	S. & Cent. America	Europe	Former Soviet Union	Middle East	Africa	Australasia	China	India	Japan	Singapore	Other Asia Pacific	
US	-	14.5	24.7	52.6	32.3	0.1	3.6	6.5	0.3	7.1	1.9	5.7	5.9	1.5	156.7
Canada	154.5	-	†	1.1	3.6	†	0.1	†	†	1.6	0.1	0.6	†	0.1	161.9
Mexico	45.6	1.4	-	2.0	9.5	-	†	-	-	1.3	4.8	-	1.6	†	66.2
S. & Cent. America	83.8	0.6	0.3	-	18.2	0.1	0.1	0.3	†	30.7	31.5	2.3	13.4	2.3	183.4
Europe	23.8	7.9	3.5	9.3	-	5.0	12.3	28.7	0.1	1.3	0.6	1.3	8.2	13.5	115.6
Former Soviet Union	25.0	0.3	-	0.7	296.0	-	13.4	1.8	1.9	63.3	2.1	14.4	7.7	19.1	444.7
Middle East	100.1	6.3	0.3	6.5	102.6	0.4	-	16.5	7.7	161.8	124.6	164.2	53.0	227.2	971.4
North Africa	9.0	3.1	-	4.5	74.1	0.1	1.2	-	1.0	6.5	4.7	1.2	0.2	3.6	109.4
West Africa	31.5	4.2	-	14.3	72.9	†	-	-	5.9	53.5	26.8	3.5	0.8	8.5	221.9
East & Southern Africa	†	†	†	0.1	0.1	†	†	-	†	5.9	0.3	0.5	0.4	0.1	7.5
Australasia	0.1	-	-	0.6	0.1	†	†	†	-	6.8	0.1	2.0	1.6	6.8	18.1
China	0.3	0.1	-	4.5	0.6	0.5	1.1	1.1	0.1	-	0.6	0.5	4.3	18.7	32.2
India	2.9	0.1	-	4.5	8.3	†	17.4	8.5	†	0.6	-	3.0	7.1	6.7	59.1
Japan	0.8	†	-	0.2	0.2	†	†	0.1	3.5	1.7	†	-	3.3	5.4	15.4
Singapore	0.7	†	-	0.3	1.2	†	1.4	2.9	10.5	6.5	0.4	0.1	-	56.9	81.0
Other Asia Pacific	5.4	†	†	1.9	4.1	†	1.2	2.0	19.5	29.4	4.6	24.4	38.5	-	131.0
<b>Total imports</b>	<b>483.5</b>	<b>38.4</b>	<b>28.9</b>	<b>103.1</b>	<b>622.8</b>	<b>6.3</b>	<b>51.9</b>	<b>68.4</b>	<b>50.6</b>	<b>378.2</b>	<b>203.3</b>	<b>223.7</b>	<b>146.1</b>	<b>370.5</b>	<b>2775.5</b>

Figura n.º 5 – Importações e Exportações de Petróleo a Nível Mundial

Fonte: BP (2014b)

## Anexo G

### Evolução dos Ataques Terroristas no Magrebee desde 1979

A GTD (2013)<sup>165</sup> estima em 2723, os ataques terroristas no período entre 1979 e 2012. No gráfico abaixo é possível observar-se a sua evolução.

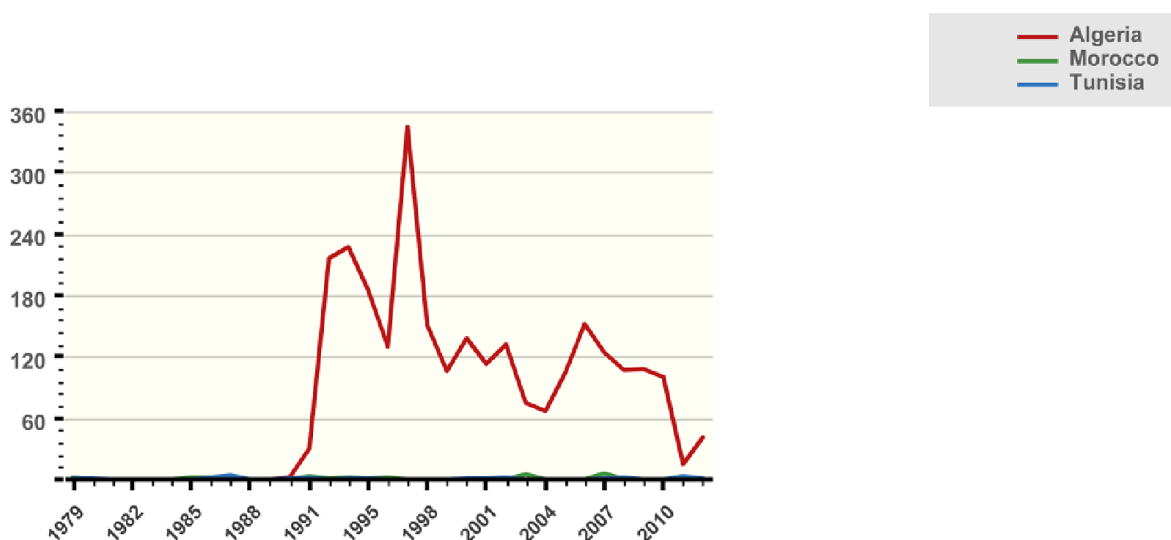


Figura n.º 6 – Evolução dos Ataques Terroristas no Magrebee desde 1979 até 2012

Fonte: START (2013)

<sup>165</sup> Global Terrorism Database. A Base de dados pode ser acedida em: <http://www.start.umd.edu/gtd/>, disponível em 15 de Junho de 2014, às 19h20m.

## Anexo H

### Evolução dos Ataques Terroristas na Argélia desde 1979

A GTD (2013) estima em 2668, os ataques terroristas no período entre 1979 e 2012. No gráfico abaixo é possível observar-se a sua evolução.



Figura n.º 7 – Evolução dos Ataques Terroristas na Argélia desde 1979 até 2012

Fonte: START (2013)

## Anexo I

### Evolução dos Ataques Terroristas em Marrocos desde 1979

A GTD (2013) estima em 35, os ataques terroristas no período entre 1979 e 2012. No gráfico abaixo é possível observar-se a sua evolução.

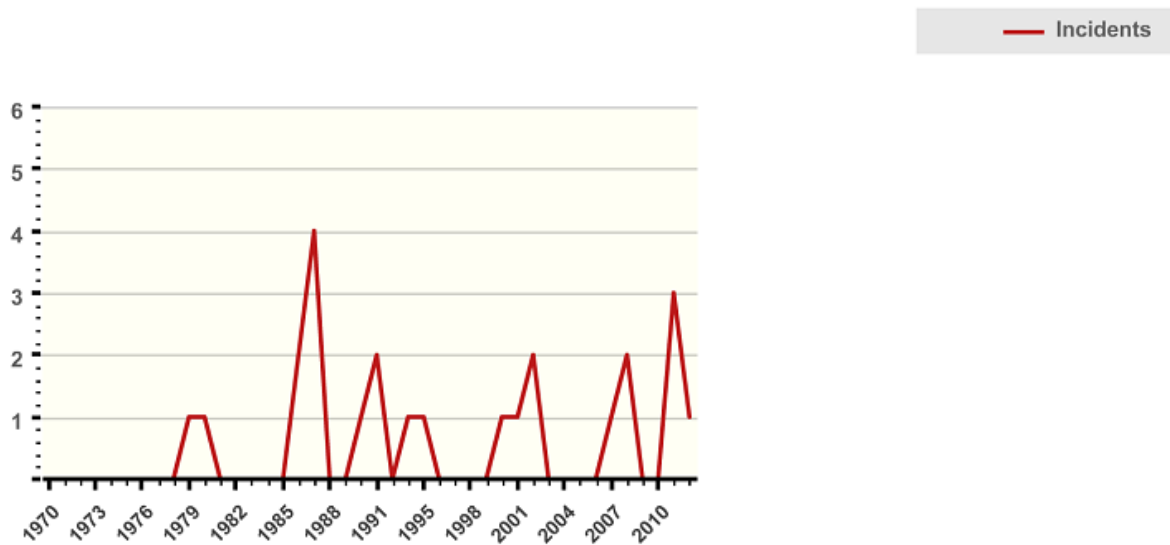


Figura n.º 8 – Evolução dos Ataques Terroristas em Marrocos desde 1979 até 2012

Fonte: START (2013)

## Anexo J

### Evolução dos Ataques Terroristas na Tunísia desde 1979

A GTD (2013) estima em 24, os ataques terroristas no período entre 1979 e 2012. No gráfico abaixo é possível observar-se a sua evolução.

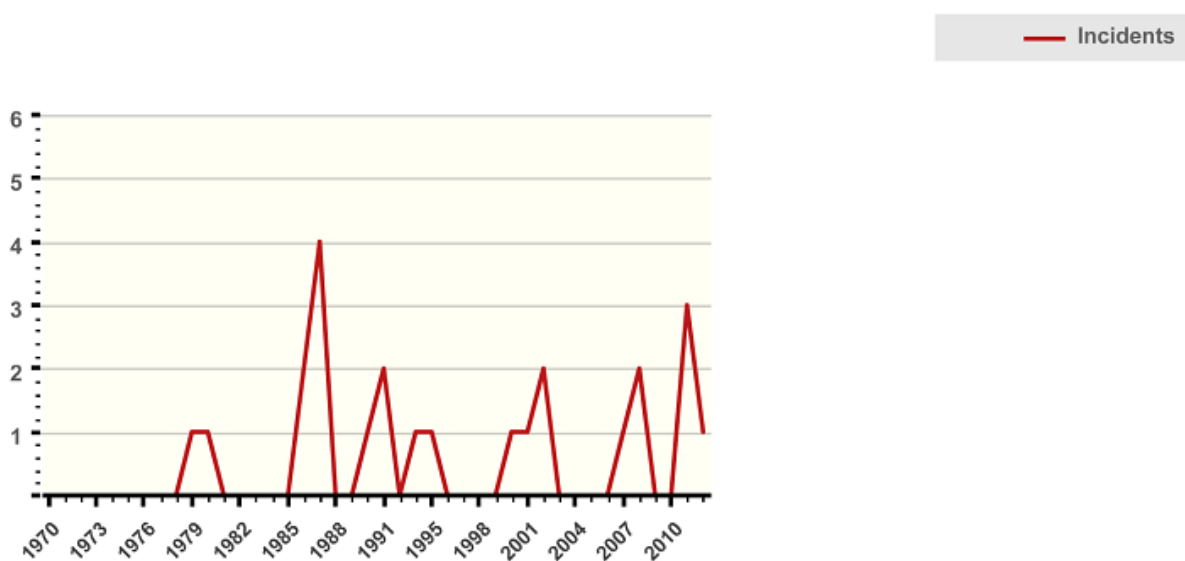


Figura n.º 9 – Evolução dos Ataques Terroristas na Tunísia desde 1979 até 2012

Fonte: START (2013)

